



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

NÚMERO 148
NOVEMBRO 2013

NEWSLETTER



**O brilho das cidades
A rota do azulejo**



4

Harvard na Gulbenkian

O subtítulo desta iniciativa, Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo, desvenda a intenção de um ciclo que vai ocupar a Sala Polivalente do CAM, uma vez por mês, num fim de semana intenso de cinema. Realizadores portugueses convivem com outros cineastas do mundo, realçando a cinematografia portuguesa, que o diretor do Harvard Film Archive considera “fascinante”. O ciclo começa no **dia 22** e evocará a obra de António Reis e Margarida Cordeiro, ao lado de cineastas como Béla Tarr e Ben Rivers, que estarão presentes no CAM para apresentar os seus filmes.

10

Nova Gramática do Português

A nova *Gramática do Português*, apresentada pela Fundação no final de outubro, esclarece dúvidas, aprofunda conhecimentos e mostra exemplos da riqueza da língua portuguesa. Num total de mais de três mil páginas, a *Gramática* é uma obra exaustiva sobre a história e geografia da nossa língua, sobre o léxico, a sintaxe e a semântica, mas também sobre a morfologia, fonética e fonologia do português. Um dos seus coordenadores, Eduardo Paiva Raposo, professor na universidade californiana de Santa Bárbara, fala-nos das especificidades e riqueza desta obra agora editada.



14

A água e o futuro da Humanidade

O tema é abordado por Luís Veiga da Cunha na secção Um outro olhar antecipando a apresentação do livro, marcada para o **dia 19** no Auditório 3, que resulta do trabalho do Think Tank Gulbenkian sobre a Água e o Futuro da Humanidade. Enquanto coordenador e membro do Think Tank, Luís Veiga da Cunha escreve: “O mundo está a viver um período de acelerada mudança que terá, para o sistema global da Terra, consequências difíceis de prever. A água, componente essencial deste sistema, não escapará naturalmente a essa mudança.”

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

NEWSLETTER NÚMERO 148.NOVEMBRO.2013 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais

COLABORAM NESTE NÚMERO Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | Patrícia Fernandes |

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva **[DDLX]** **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA**

Arqueiro, Irão, c. 510 a.C. © Musée du Louvre, Dist. RMN-Grand Palais / Raphaël Chipault | **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas |

TIRAGEM 10 000 exemplares | Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

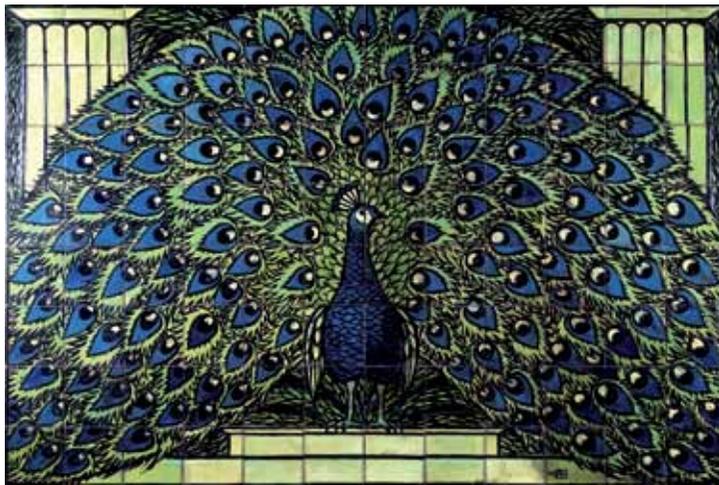


José de Almada Negreiros, Figurino para o bailado
A Princesa dos Sapatos de Ferro, 1918 © Coleção do CAM/FCG

28

Novembro no CAM

Na celebração dos seus 30 anos, o Centro de Arte Moderna mostra *Um Século de Arte* e muitos dos artistas portugueses que fazem parte da sua história. Amadeo de Souza-Cardoso é um dos pintores que sobressaem neste século, tendo o CAM escolhido a sua obra e a associação ao movimento modernista para um ciclo de conferências comissariado por Joana Cunha Leal e Margarida Medeiros, a começar já no dia 7. Tal como diz Joana Cunha Leal, a ideia é “introduzir, ou resgatar, a discussão de uma série de questões transversais sobre o modernismo e as vanguardas do início do século XX que se cruzam com a obra do pintor português”. Este mês prossegue ainda o ciclo de performance iniciado em outubro.



Painel de Azulejos, Pavão, de Max Laeuger, 1908 © Nederlands Tegelmuseum, Otterlo

31

O brilho das cidades

Annie Caubet, John Carswell, Ana Paula Rebelo Correia e Alfonso Pleguezuelo, são os conferencistas convidados para o ciclo de conferências que acompanha a exposição *O Brilho das Cidades. A rota do Azulejo* que abriu a 25 de outubro na Sede da Fundação e que pode ser visitada até 26 de janeiro. A primeira conferência, a 4 de novembro, trará uma visão sobre os primórdios do azulejo e sobre a fascinante viagem traçada na exposição organizada pelo Museu Gulbenkian. Na coleção do Museu encontram-se alguns exemplares únicos da azulejaria do Oriente e do Ocidente, tal como o Azulejo com busto de jovem, retratado na Obra da pág. 38.

índice

primeiro plano

4 **Harvard na Gulbenkian**

notícias

10 **Nova Gramática do Português**

13 **Estudo sobre leitura digital**

14 **A Água e o Futuro da Humanidade**

14 **Inovação em saúde mental**

15 **Vídeo premiado**

15 **Cientistas discutem
imunoterapias para diabetes**

16 **O futuro do desenvolvimento
em debate**

18 **Orquestra Gulbenkian na China**

20 **Arte no Uk Branch**

21 **breves**

bolseiros gulbenkian

24 **Ricardo Gaspar**

26 **um outro olhar**

em novembro

conferências

28 **Performance, conferências
e cinema no CAM**

31 **O Brilho das Cidades**

exposições

32 **Dias culturais de Sharjah**

33 **Gymnasion**

música

34 **Waldemar Bastos com
a Orquestra Gulbenkian**

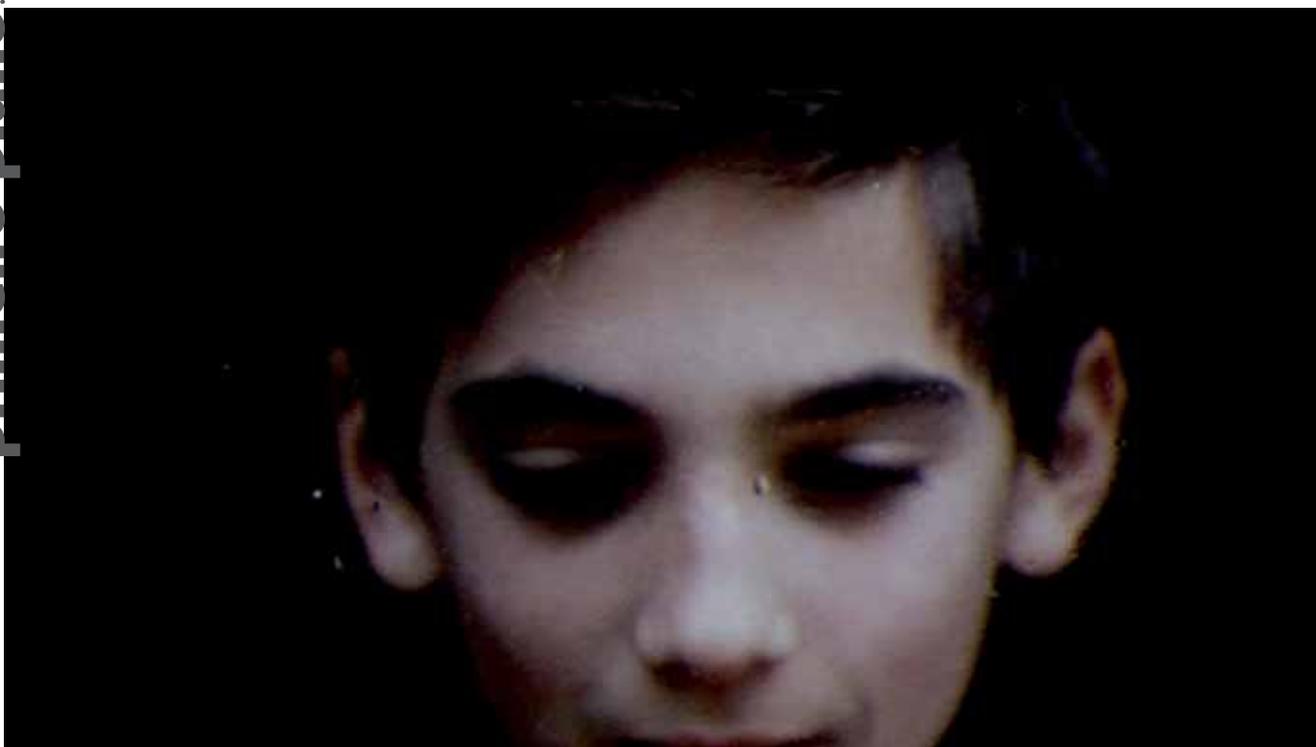
36 **novas edições**

37 **catálogos de exposições
na Biblioteca de Arte**

Uma obra

38 **Azulejo com busto de jovem**





Glória, de Manuela Viegas

Harvard na Gulbenkian

Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo

*Num momento em que o cinema português é celebrado internacionalmente como um dos mais originais e secretos, o Harvard Film Archive, cinemateca da Universidade de Harvard, propõe uma mostra em que os filmes portugueses dialogam com outros de todo o mundo. Nasce assim **Harvard na Gulbenkian: Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo**, um programa de encontros internacionais, com projeções e debates, que trará a Lisboa alguns dos mais relevantes autores do cinema contemporâneo, como Béla Tarr ou Patricio Gúzman, entre muitos outros, ao encontro dos cineastas portugueses e dos seus filmes. O programa tem o apoio do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas e do Centro de Arte Moderna.*

O LUGAR ÚNICO DO CINEMA PORTUGUÊS

Haden Guest, curador e diretor do Harvard Film Archive, além de colaborador frequente da conceituada revista *Film Comment*, e o realizador Joaquim Sapinho são os curadores destes Diálogos que terão lugar ao fim de semana, de três em três semanas, entre novembro deste ano e o próximo verão. As suas entrevistas explicam melhor o ciclo que começa já no dia 22, na Sala Polivalente do CAM.

COMO NASCEU A IDEIA DE HARVARD NA GULBENKIAN?

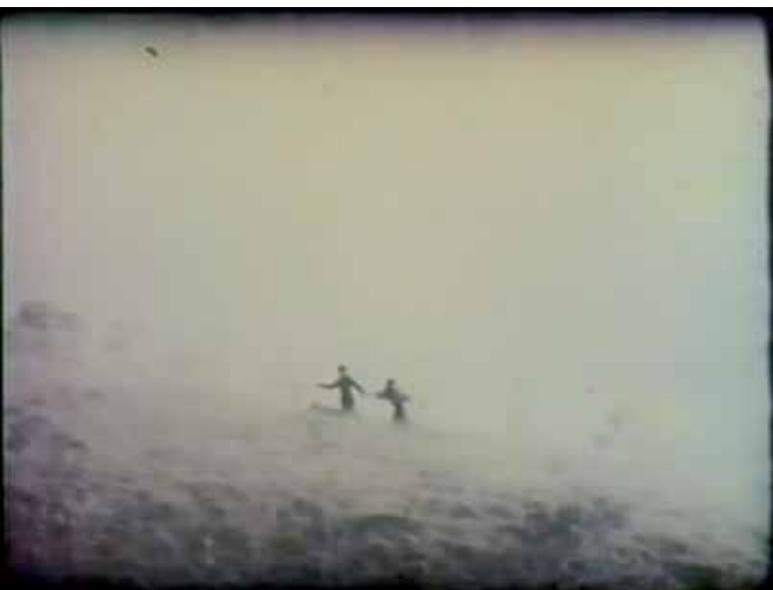
COMO É QUE EVOLUIU ATÉ À SUA DEFINIÇÃO ATUAL?

O programa Harvard na Gulbenkian tem as suas origens numa série de programas e eventos que eu organizei para o Harvard Film Archive, e que me permitiu tomar consciência da incrível riqueza do cinema português – as grandes retrospectivas de Manoel de Oliveira e João César Monteiro e as visitas de Pedro Costa, Miguel Gomes, Susana Sousa Dias e João Pedro Rodrigues, cada uma construída sobre a outra de forma a sugerir uma comunidade única de artistas visionários, guiados por uma consciência de tradição histórica e distinta do cinema português, mas ao mesmo tempo extremamente conscientes da arte contemporânea e do cinema mundial. Quanto mais descobri, mais fascinado fiquei. Ainda mais quando, em 2012, organizei um programa chamado “The School of Reis”, onde explorei o legado do falecido António Reis, reunindo as principais obras de estudantes e colaboradores de Reis com os seus filmes pioneiros, que ele realizou individualmente ou em conjunto com Margarida Cordeiro. “The School of Reis” foi aclamado pela crítica nos Estados Unidos, onde foi considerado uma forma alternativa de escrever a história das abordagens radicais ao cinema narrativo, abraçadas por muitos dos grandes realizadores portugueses.



Haden Guest

Um dos realizadores incluídos em “The School of Reis” foi Joaquim Sapinho, cujo último filme, *Deste Lado da Ressurreição*, constituiu, de facto, uma enorme inspiração para a série. Foi Sapinho que me encorajou a propor à Fundação Calouste Gulbenkian um programa de cinema português, com uma tónica semelhante, mas de maior amplitude. Em busca de uma diferente abordagem ao trabalho dos realizadores portugueses que mais admiro, propus explorar como é que os seus filmes têm, de forma consistente, abordado as questões mais excitantes e urgentes que definem o cinema de hoje – questões ligadas ao realismo, à narrativa e à imagem cinematográfica em si. Para conseguir isto, decidi não me concentrar apenas nesses mesmos realizadores, mas, em vez disso, revelar a sua importante presença no cinema internacional, através de uma série de extensos diálogos entre eles e outros realizadores visionários, de todo o mundo. A prova viva da proeminência do cinema português atual é a resposta entusiástica que recebi dos muitos e singulares realizadores convidados a participar nestes diálogos – artistas como Béla Tarr, Albert Serra, Patricio Guzmán –, que quiseram tornar clara a grande admiração que partilham pelo cinema português. Também convidei o Joaquim Sapinho para ser curador comigo dos Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo, pois tinha a certeza de que a sua perspectiva, nascida no interior do cinema português, enriqueceria o programa e o seu conceito, enquanto intervenção centrada em torno de artistas cinematográficos.



Fome de Amor, de Néilson Pereira dos Santos



A Mulher sem Cabeça, de Lucrecia Martel

QUAL É O CRITÉRIO PARA A SELEÇÃO DOS FILMES? HÁ ALGUMA DIFERENÇA ENTRE O CRITÉRIO USADO PARA OS FILMES PORTUGUESES E O USADO PARA OS FILMES ESTRANGEIROS?

Na verdade, a base do programa Harvard-Gulbenkian tem origem nas séries do Harvard Film Archive [HFA], seus precedentes, e em particular “The School of Reis”. Quase todos os realizadores incluídos nos diálogos fizeram parte ou foram o centro de um programa anterior do HFA. Para mim estes realizadores estão entre os mais inovadores e importantes artistas a trabalhar no cinema português. São artistas que trouxeram uma nova profundidade filosófica e artística ao cinema e cujos filmes permanecem entre os mais aclamados e debatidos pela crítica na atualidade. Os critérios de seleção dos realizadores portugueses e estrangeiros foram exatamente os mesmos, o que resultou numa lista de alguns dos mais extraordinários artistas contemporâneos do cinema mundial.

PENSA QUE O CINEMA PORTUGUÊS PODE BENEFICIAR COM ESTA INICIATIVA? SE SIM, DE QUE MANEIRA?

Sem dúvida. É nossa esperança que estes Diálogos destaquem o florescimento e importância dos realizadores portugueses, ao mesmo tempo que revelem o lugar único e central de Portugal no mapa do cinema atual. Iremos promover internacionalmente os Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo junto da comunidade global de cinéfilos, intelectuais e artistas, para quem este programa também é criado.

COMO VÊ O CINEMA PORTUGUÊS EM COMPARAÇÃO COM O CINEMA DO RESTO DO MUNDO?

Acredito que uma das coisas que torna o cinema português

único é a estreita comunidade de realizadores, escritores, atores, produtores e artistas ativos no meio. Muitos projetos tornam-se possíveis ou são fortalecidos por laços de amizade, camaradagem e anteriores experiências de trabalho conjunto. Isto foi verdade durante o Hollywood Studio System na sua Era Dourada dos anos 30 a 50, e é a realidade em Portugal, embora, claro, tudo o resto seja radicalmente diferente do sistema de estúdio. Em vez disso, em Portugal existe uma série de incríveis produtores e produtoras, como O Som e a Fúria ou a Rosa Filmes, que consegue, de forma consistente, criar um espaço para os projetos mais arriscados e inovadores, muitas vezes com os meios mais escassos. Também estou fascinado pela forma como o cinema português é polinizado pela sua própria história e pela história das outras artes. Vejo realizadores como Vítor Gonçalves, Pedro Costa ou Manoel de Oliveira como personificações de um conhecimento sofisticado e amplo da arte, literatura, poesia e história do cinema, o que é uma das grandes e inigualáveis forças do cinema português.

ESTÁ A PENSAR LEVAR A IDEIA DE HARVARD NA GULBENKIAN PARA FORA DE PORTUGAL, DANDO MAIS VISIBILIDADE AO CINEMA PORTUGUÊS?

Pretendo, com toda a certeza, continuar a explorar e apoiar o cinema português no Harvard Film Archive e estou, de facto, a planear um grande e ambicioso programa no seguimento dos Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo. Será uma vasta visão panorâmica e uma aprofundada arqueologia do Cinema Português que irá juntar filmes de todo o arco da história do seu cinema, desde a era do mudo até aos dias de hoje. É um programa que espero apresentar não só no HFA mas, também, em outras instituições culturais americanas.

A RIQUEZA DO DIÁLOGO ENTRE REALIZADORES

O segundo curador de Harvard na Gulbenkian: Diálogos entre o Cinema Português e o Cinema do Mundo é **Joaquim Sapinho**, cineasta português, autor de filmes como *Corte de Cabelo*, *Diários da Bósnia* e *Deste Lado da Ressurreição* e fundador da produtora Rosa Filmes.

COMO FOI TRABALHAR COM HADEN GUEST NO PROGRAMA HARVARD NA GULBENKIAN?

Quando conheci Haden senti que estava diante de alguém que amava profundamente o cinema e mal começámos a falar parecia que nos conhecíamos de sempre. Identifiquei-me logo com o seu enciclopédico conhecimento do cinema clássico, articulado por uma atração intensa pela ideia de vanguarda e por um conhecimento surpreendente do cinema português.

Após o nosso encontro a propósito de *Deste Lado da Ressurreição*, cedo descobrimos um território de afinidades eletivas. Haden estava muito ocupado interiormente a pensar e a desenvolver aquilo que viria a chamar “The School of Reis” no âmbito do programa que mais tarde realizou em Harvard. A expressão “The School of Reis” invoca não apenas a realidade de um grupo de antigos alunos que são hoje realizadores, ou de realizadores como César Monteiro, Paulo Rocha, o próprio Manoel de Oliveira, com quem António Reis colaborou ou tocou através da novidade do seu pensamento. Refere também um campo teórico feito de questões



Joaquim Sapinho

ligadas à poética cinematográfica que António Reis pensou e que se têm vindo a tornar muito relevantes no cinema contemporâneo.

Haden sentiu que o ciclo “The School of Reis” revelava que aquelas questões levantadas em Harvard mereciam continuar a ser refletidas e aprofundadas.

PORQUÊ ESTA FORMA DE DIÁLOGOS INTERNACIONAIS?

Por causa do seu constante contacto com o cinema internacional, que advém da posição de diretor do Harvard Film Archive, Haden está muito entusiasmado pelo interesse de certos realizadores estrangeiros na obra de alguns realizadores portugueses. É assim que ganha forma a ideia de amplificar a reflexão das questões contemporâneas, através da riqueza que poderá nascer do diálogo entre o ponto de vista único de cada realizador estrangeiro e o dos realizadores portugueses.

QUAL É O PAPEL DE HARVARD E DA GULBENKIAN NESTE PROGRAMA?

Este diálogo internacional entre realizadores é também um diálogo entre duas instituições de enorme prestígio cultural a nível mundial e que trabalham em conjunto numa atenção particular à arte cinematográfica portuguesa dentro da cultura contemporânea.



Se eu fosse Ladrão Roubava, de Paulo Rocha



Vendedora de Rosas, de Victor Gaviria

ENTROPIA E UTOPIA. ANTÓNIO REIS E MARGARIDA CORDEIRO, BÉLA TARR, BEN RIVERS

O primeiro fim de semana do **Harvard na Gulbenkian** acontece nos dias **22, 23 e 24 de novembro**, e tem como título **Entropia e Utopia**. António Reis e Margarida Cordeiro, e Béla Tarr e Ben Rivers serão os realizadores em destaque. Tanto o realizador de *O Cavalo de Turim* como o realizador de *Two Years at Sea* estarão presentes.

SOBRE ANTÓNIO REIS E MARGARIDA CORDEIRO

António Reis, poeta, etnógrafo, esteta, cineasta, professor reverenciado por gerações de realizadores que por ele foram introduzidos à arte do cinema na Escola de Cinema entre 1977 e 1991, começa por apurar a sua sensibilidade através da expressão pela poesia, alimentada por um extenso trabalho de recolha etnográfica ao qual dedicou décadas. Colabora pela primeira vez com Margarida Cordeiro, psiquiatra, em *Jaime* (1973), depois do qual cor-realizariam *Trás-os-Montes* (1976), *Ana* (1982) e *Rosa de Areia* (1989). Profetas de uma nova linguagem cinematográfica que, na opinião dos curadores Haden Guest e Joaquim Sapinho, disseminada pelo cinema português, teve um papel decisivo para a sua maturidade.



Margarida Cordeiro e António Reis

SOBRE TRÁS-OS MONTES, DE ANTÓNIO REIS E MARGARIDA CORDEIRO

Financiado pela Fundação Gulbenkian e terminado em 1976, *Trás-os-Montes* materializa, não apenas a essência do que foi a proposta estética ímpar dos realizadores, mas uma essência do que foi todo o cinema português que se lhe seguiu, ao consubstanciar a descoberta de uma expressão cinematográfica “portuguesa”. Obra obrigatória da cinematografia nacional.



Trás-os-Montes, de António Reis e Margarida Cordeiro

SOBRE BEN RIVERS

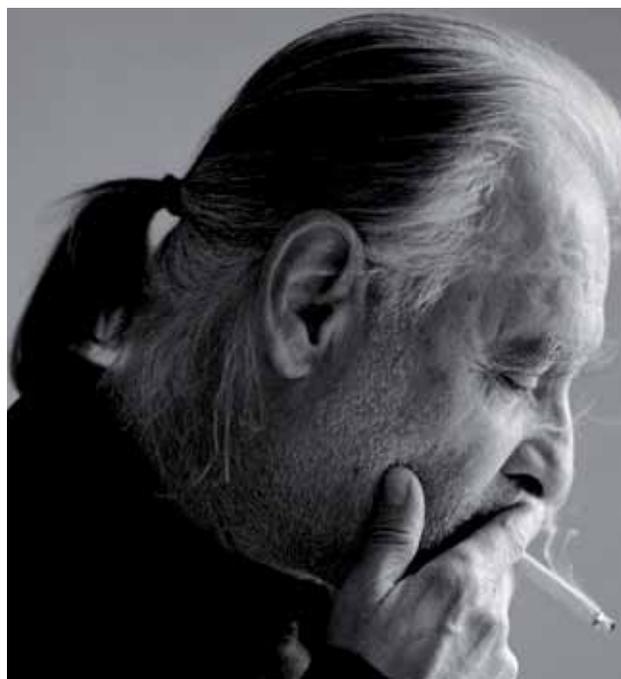
Os filmes de Ben Rivers exploram um mundo situado numa parcela recôndita da civilização – um local de estranha e agreste beleza ocupado por inventores e estranhos filósofos que vivem em comunhão com a natureza. Os melhores trabalhos de Rivers continuam a ser uma série de retratos que observam as vidas daqueles afastados do mundo moderno – o eremita darwiniano de *The Origin Of The Species* (2008), o jovem irreverente de *Ah, Liberty!* (2008) ou os peregrinos desconhecidos de *The Coming Race* (2005). Remetendo para a tradição de etnografia poética que floresceu na Grã-Bretanha nas décadas de 30 e 40, os filmes de Rivers estão mergulhados numa vívida experiência do espaço que captura a aura das regiões remotas que informam o seu trabalho, explorando narrativas enigmáticas e oníricas que alternam temas como o primitivo, enquanto reflexo incompreendido do civilizado, e os ritmos secretos que definem uma comunidade.



Ben Rivers © Larry Busacca/Getty Images

SOBRE BÉLA TARR

Béla Tarr apura a cada filme o seu estilo único, definido pela soturna direção de fotografia a preto a branco, *travellings* extensos cuidadosamente coreografados e histórias enigmáticas imbuídas de um sentimento de catástrofe iminente, que teve como expoentes *O Tango de Satanás* (1994), colosso com mais de sete horas, e o minimalismo austero do trabalho de síntese levado a cabo em *O Cavalo de Turim* (2011), o seu mais recente e autodeclarado último filme. Tarr começou a sua carreira com uma série de filmes de registo documental caracterizados por um forte envolvimento com os problemas sociais contemporâneos da Hungria, preocupações que continuam perceptíveis nas suas obras posteriores, espécie de alegorias sobre o colapso da civilização ocidental perspetivadas através de uma intrigante síntese entre a materialidade do espaço e o pensamento das personagens que o habitam. ■



Béla Tarr

Entropia e Utopia.

António Reis e Margarida Cordeiro,
Béla Tarr, Ben Rivers

22 de novembro | sexta | 18h15

TRÁS-OS-MONTES (111')

António Reis e Margarida Cordeiro

23 de novembro | sábado | 15h

TWO YEARS AT SEA (88')

THIS IS MY LAND (14')

Ben Rivers

23 de novembro | sábado | 19h

THE TURIN HORSE (146')

Béla Tarr

24 de novembro | domingo | 15h

THE WERKMEISTER HARMONIES (145')

Béla Tarr

24 de novembro | domingo | 17h

THE COMING RACE (5')

AH LIBERTY (20')

ORIGIN OF THE SPECIES (16')

HOUSE SACK BARROW (21')

TRT (25')

Ben Rivers

PRIMEIRA SÉRIE (6 programas)

ENTROPIA E UTOPIA

António Reis e Margarida Cordeiro,
Béla Tarr, Ben Rivers

22 | 23 | 24 de novembro 2013

PARA PAULO ROCHA

Nelson Pereira dos Santos e Víctor Gaviria

13 | 14 | 15 de dezembro 2013

A MEMÓRIA ACREDITA ANTES DO SABER

SE LEMBRAR

Susana Sousa Dias, Patricio Guzmán, Soon-Mi Yoo

10 | 11 | 12 de janeiro 2014

DEPOIS DE COSTA

Albert Serra, Nicolás Pereda, Tomita Katsuya

31 de janeiro, 1 e 2 de fevereiro 2014

DESEJO SEM LINGUAGEM

Manuela Viegas, Lucrecia Martel

21 | 22 | 23 de fevereiro 2014

TOPOGRAFIAS CINEMATográficas

Vitor Gonçalves, José Luis Guerín, Robert Beavers

14 | 15 | 16 de março 2014



Nova Gramática do Português

“As línguas não são objetos monolíticos”, diz Eduardo Paiva Raposo, professor da Universidade da Califórnia, Santa Bárbara. É um dos coordenadores da nova Gramática do Português, obra encomendada pela Fundação Gulbenkian cujos primeiros dois volumes foram apresentados ao público no final de outubro. Eduardo Paiva Raposo revela nestas páginas por que razão a Gramática do Português demorou mais de uma década a elaborar, numa entrevista onde explica como algumas variantes linguísticas hoje em dia consideradas “incorretas” poderão ser o futuro da língua portuguesa ou, ainda, como o castelhano nasceu de um erro.

QUAIS FORAM OS PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA A ORGANIZAÇÃO DESTA OBRA?

Sem que a ordem de apresentação represente qualquer tipo de hierarquização, mencionarei os seguintes:

– Fazer uma descrição tão aprofundada e extensa quanto possível da maneira como funciona o sistema gramatical da língua portuguesa, na sua variedade europeia, entendendo aqui a noção de sistema gramatical num sentido amplo, *i.e.*, abarcando o nível dos sons (fonética e fonologia), das palavras (léxico e morfologia), das orações e das

frases (sintaxe), do tipo de significado que as várias unidades linguísticas veiculam (semântica), do modo como a língua é usada na comunicação entre falantes (pragmática) e, finalmente, quando relevante, das relações existentes entre estes vários níveis.

– Produzir uma obra que estabeleça uma ponte entre, por um lado, as gramáticas tradicionais – caracterizadas na sua maior parte por descrições de natureza extremamente geral, de carácter normativo, e assentes num pequeno número de conceitos funcionais (sujeito, predicado, com-

plemento direto, etc.) e de classes de palavras (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, etc.) – e, por outro lado, os resultados obtidos na Linguística contemporânea (sobretudo na segunda metade do século XX e primeira década deste século) sobre a estrutura e funcionamento do português nos vários níveis mencionados acima. Falamos de “ponte”, precisamente porque não se abandonaram as noções e classes da gramática tradicional (que aliás continuam bem vivas na linguística teórica atual), mas se procurou enquadrá-las, explicá-las (incluindo aqui os seus fundamentos lógicos e filosóficos) e usá-las de forma operacional, para apresentar uma descrição muito mais aprofundada e de muito maior cobertura dos fenómenos gramaticais do português do que aquelas normalmente apresentadas pelas gramáticas tradicionais. Estes maior detalhe e cobertura, por sua vez, nunca teriam sido possíveis sem os resultados da investigação teoricamente orientada sobre o português. É importante realçar, no entanto, que esta *Gramática* não tem como objetivo apresentar ou defender teorias linguísticas, mas sim *usar* os resultados que essas teorias proporcionaram no que respeita ao funcionamento gramatical do português, tentando aliás, sempre que possível, formular esses resultados nos termos dos conceitos e classes da gramática tradicional, por estes serem conhecidos da maioria dos leitores com uma instrução escolar média.

– Enquadrar e contextualizar a língua portuguesa tal como é falada hoje em dia em Portugal num contexto mais vasto, quer histórico, quer geográfico: nomeadamente, apresentar um pouco da sua história, tanto no que respeita às suas origens como às mudanças gramaticais que sofreu no desenrolar dos séculos; qual o lugar que ocupa no contexto das outras línguas românicas (*i.e.*, provenientes do latim); e (de forma necessariamente breve), quais as diferenças mais importantes que a separam de outras variedades nacionais do português, africanas e americanas.

A QUEM SE DESTINA A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS?

A Fundação Calouste Gulbenkian pediu-nos uma gramática que pudesse ser lida por um público culto, de nível de instrução média-superior, conhecedor dos conceitos e classes de palavras da gramática tradicional (sujeito, complemento, substantivo, verbo, etc.). Não se trata pois de uma gramática teórica destinada exclusivamente a um público de linguistas profissionais, de estudantes de Linguística ou de professores de língua, embora (e isto não é paradoxal) o nível de cobertura e de aprofundamento de muitos dos tópicos discutidos possa ser de grande utilidade para esse público especializado – por exemplo, servindo de ponto de partida para trabalhos mais especializados. Também não se trata de uma gramática escolar, que simplifica os temas tratados ou ignora os problemas empíricos complexos que os fenómenos gramaticais apresentam. Acreditamos, no entanto, ter fornecido os instrumentos necessários para

“Esta Gramática não tem como objetivo apresentar ou defender teorias linguísticas”

que um público diversificado, não especialista, possa ler a *Gramática*, compreendendo efetivamente aquilo que é dito – o que nem sempre acontece em obras de Linguística (ou de outras áreas especializadas, para o efeito), mesmo quando pretendem dirigir-se a leigos na matéria. O estilo é expositivo, evitámos formalismos desnecessários e, embora se utilizem conceitos teóricos (sobretudo da Linguística e da Lógica), procurámos explicá-los de maneira simples.

QUE LUGAR TÊM NESTA GRAMÁTICA OS REGIONALISMOS, BEM COMO O PORTUGUÊS DO BRASIL, DE ANGOLA E DE MOÇAMBIQUE?

Embora tomando como objeto da descrição o português culto (o chamado português-padrão), tivemos sempre a preocupação de incorporar dados da variação linguística, conscientes de que qualquer língua não é uma entidade monolítica, em particular no que respeita à sua distribuição geográfica. Assim, uma das nossas primeiras decisões no início do projeto consistiu em incluir capítulos autónomos sobre a variação regional em Portugal e sobre as principais características do português falado no Brasil e em África, com especial relevo para as variedades de Angola e de Moçambique, devido ao facto de serem aquelas sobre as quais existia um maior número de materiais, no momento em que o capítulo dedicado a essas variantes foi escrito. Neste ponto, não quero deixar de referir o capítulo sobre as variedades dialetais do português europeu, possivelmente o estudo mais completo jamais feito sobre este tópico publicado no âmbito de uma gramática, e que certamente servirá como referência durante muito tempo.

No caso do português do Brasil, para além do capítulo que consta no volume I, há também um bloco – que aparecerá no volume III – centrado sobre uma comparação sistemática entre essa variante e a variante europeia, relativamente a determinados aspetos sintático-semânticos. Finalmente, de maneira mais geral, a maioria dos autores, embora centrando a sua descrição sobre a variedade culta, dá conta igualmente de fenómenos de variação dialetal, individual e de registo, em particular nos casos em que essa variação é mais notória, ou quando constitui motivo de controvérsia sobre o uso tido como “correto” da língua portuguesa.

COMO É QUE SE COORDENAM 40 COLABORADORES, ESPALHADOS POR MAIS DE UMA DEZENA DE UNIVERSIDADES PORTUGUESAS E ESTRANGEIRAS?

Coordenar o trabalho de mais de 40 autores não foi propriamente uma tarefa fácil. O objetivo da comissão organizadora da *Gramática* foi o de elaborar uma obra com coerência interna, tanto do ponto de vista teórico (isto é, evitando contradições potenciais que poderiam aparecer, dado que em Linguística, como em qualquer outra ciência, existem aproximações diferentes aos fenômenos e certamente havia diversidade de perspectivas nos autores), do ponto de vista dos conceitos e das noções utilizadas (por exemplo, preferindo-se utilizar, sempre que possível, os conceitos teóricos da gramática tradicional, mais acessíveis tendo em conta o nosso público-alvo) e, finalmente, do ponto de vista da própria escrita (o que implicou por vezes reescrever certos trechos para atingir uniformização estilística). Nada disto foi fácil, e explica em grande parte os mais de dez anos que a *Gramática* levou a elaborar.

Os cinco membros da comissão organizadora trabalharam de forma muito integrada, lendo e comentando em conjunto todos os capítulos da *Gramática*. Esse processo foi essencial para atingir a homogeneidade pretendida. Além disso, cada elemento da comissão foi responsável por uma área da *Gramática*, o que ajudou a estruturar o trabalho, sem nunca deixarmos de trocar impressões entre nós sobre os outros capítulos, independentemente da área a que pertencessem.

[COM A DISTÂNCIA DE QUEM TEM VIVIDO OS ÚLTIMOS ANOS FORA DO PAÍS,] COMO VÊ O TRATAMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM PORTUGAL?

Não o vejo mal. Parece-me que há um enorme interesse por questões gramaticais e sobre a língua em geral, o que me parece muito positivo, ainda que esse interesse possa por vezes manifestar-se em observações de natureza normativa, o que também me parece normal num público leigo. Se esse público ler a nossa *Gramática*, verá que as línguas não são objetos monolíticos e que a existência de variação em todos os níveis gramaticais – da pronúncia, das palavras e da construção das frases – é um universal linguístico. Uma língua sem variação não está de boa saúde, e, nesse sentido, o português parece-me estar de boa saúde. Mas quando essas variantes se tornam mais notórias a um público “culto”, e não são aquelas usadas por esse público, cai o Carmo e a Trindade. No entanto, é bem provável que pelo menos algumas dessas variantes hoje em dia consideradas “incorretas” possam ser o futuro da língua portuguesa.

Vou-lhe dar um exemplo. Nalgum período da primeira metade do primeiro milénio, depois da invasão romana da Península Ibérica, um grupo de habitantes do Norte da Península, rudes e sem muita instrução, e que durante muito tempo resistiram aos romanos e não se assimilaram

“Uma língua sem variação não está de boa saúde, e, nesse sentido, o português parece-me estar de boa saúde”

tanto como outros habitantes da Península, decidiram finalmente aprender latim, possivelmente para poder comunicar com os colonizadores e outros ibéricos que já tinham aprendido a língua. Acontece que a língua materna dessas pessoas (não relacionada com o latim e nem sequer indo-europeia) não possuía o som [f]. Ora, quando essa gente começa a falar em latim (certamente um latim “macarrónico”, na época), vai omitir sistematicamente esse som das palavras latinas que o têm em posição inicial (como *ficatum*, fígado; *ferrum*, ferro; e *farina*, farinha). Era como se, em português, passássemos a dizer “ígado” em vez de fígado, “erro” em vez de ferro, ou “igo” em vez de figo. Quer “erro” pior? Imagine os comentários dos falantes

“É bem provável que algumas variantes hoje em dia consideradas ‘incorretas’ possam ser o futuro da língua portuguesa”

“educados” do latim ao ouvir esses ignorantes... No entanto, esse falar rude, com esse “erro”, veio a originar a língua em que Cervantes escreveu o *Dom Quixote*. Embora seja uma das pouquíssimas línguas românicas na qual não se pronuncia o [f] inicial latino (juntamente com o gascão, uma variedade dialetal do occitano falado no Sudoeste de França, e aparentemente pelos mesmos motivos), não passa pela cabeça de ninguém dizer que os espanhóis tratam mal a sua língua ao dizerem hígado, hierro ou higo. E, no entanto, esta particularidade do castelhano nasceu de algo que, na altura, certamente era um “erro”. ■



Estudo sobre leitura digital

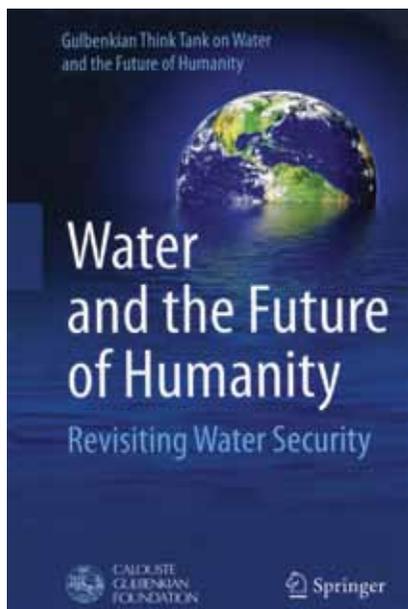
A leitura de livros em formato digital não veio substituir a leitura de livros em papel, diz um novo estudo financiado pela Fundação Gulbenkian. O mesmo estudo constata que quem lê mais livros em digital é também quem lê mais livros em suporte impresso, embora não haja uma relação direta entre ler-se muitos livros (“grande” leitor) em formato de papel e fazê-lo em formato digital. Estas são algumas das principais conclusões do estudo coordenado por Gustavo Cardoso, investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, que procurou saber como é que a utilização da internet e a multiplicação de ecrãs está a mudar a nossa relação com a leitura, quer do ponto de vista dos conteúdos lidos, quer relativamente ao modo como lemos.

Os dados gerais deste estudo apontam para uma relação inversa entre idade e leitura digital de livros, e para uma relação proporcional entre a escolaridade e leitura de livros em formato digital, em consonância com os resultados apurados em estudos que relacionam escolaridade e utilização de internet.

Baseado num inquérito *online* realizado em 16 países durante o primeiro semestre de 2013, este estudo diz que a maioria da amostra global de utilizadores de internet já leu livros em formato digital (58% dos indivíduos inquiridos), ainda que, proporcionalmente, se leiam menos livros digitalmente no contexto europeu do que no bloco constituído pelos países BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). O estudo indica, finalmente, que em Portugal o segmento de “grandes” leitores (os que leem muitos livros) em formato digital é ainda incipiente.

O estudo revela também que “a leitura como fonte de prazer” é um traço que os utilizadores de internet associam mais à leitura em papel, e que 44 por cento dos inquiridos acham que passarão no futuro a ler mais textos em suporte digital, sobretudo os indivíduos entre os 25 e os 34 anos.

O Estudo sobre Leitura Digital foi apresentado durante a conferência *Os Livros e a Leitura – Desafios da Era Digital*, no final de outubro, onde também foi anunciado que a Fundação Gulbenkian irá dedicar-se a curto prazo à edição de *ebooks*. ■



Apresentação do livro sobre a água e o futuro da Humanidade

O livro *A Água e o Futuro da Humanidade* será apresentado no **dia 19**, a partir das 17h30, no Auditório 3 da Fundação. Esta obra é o resultado de uma iniciativa lançada no final de 2010, para a qual a Fundação Gulbenkian decidiu convidar um conjunto de reputados especialistas de disciplinas das ciências naturais, sociais e da engenharia, de várias regiões do mundo, para integrar o Think Tank Gulbenkian sobre a Água e o Futuro da Humanidade, grupo que teve como mandato proceder à análise dos aspetos mais relevantes das interações dinâmicas entre os sistemas hídricos e a sociedade no século XXI.

Este trabalho único, agora publicado, esclarece-nos sobre as mudanças necessárias na disponibilização, avaliação e uso da água e de outros recursos com ela relacionados, como a alimentação e a energia. O Think Tank preocupou-se com temas como a acessibilidade da água para os mais

pobres e a utilização da água na indústria, na agricultura e em usos domésticos.

Patrocinado pela Fundação Calouste Gulbenkian e publicado pela editora Springer, *A Água e o Futuro da Humanidade* será apresentado numa sessão com a participação de Artur Santos Silva, presidente da Fundação, Francisco Nunes Correia, ex-ministro do Ambiente, que fará a apresentação do livro e Luís Veiga da Cunha, coordenador do Think Tank. A sessão terminará com um debate sobre “Segurança Hídrica e Segurança Alimentar” entre um dos membros do Think Tank, Jan Lundqvist, *senior scientific advisor* do Stockholm International Water Institute, Suécia, e José Lima Santos, professor no Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, onde também foi diretor do Departamento de Economia Agrária e Sociologia Rural. ■

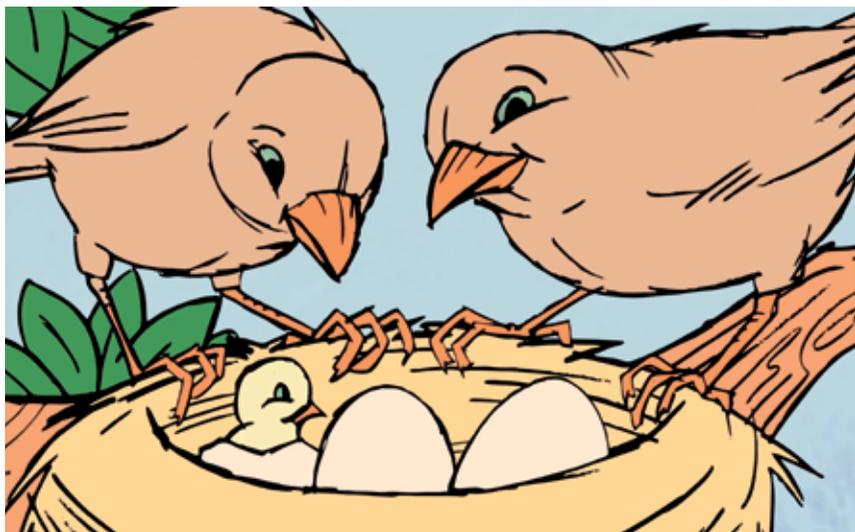
Inovação em saúde mental

A Fundação Gulbenkian recebeu em outubro o Fórum *Internacional Innovation in Mental Health*, em que participaram médicos especialistas dos quatro cantos do mundo. A realização desta conferência insere-se no programa da Plataforma Gulbenkian para a Saúde Mental Global, criada em 2011 com a colaboração da Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Neste primeiro encontro, o objetivo foi claro: é preciso pôr a saúde mental na agenda global.

O Fórum destinou-se a cruzar a informação entre os investigadores dos diferentes grupos envolvidos na pro-

dução dos relatórios e a promover apresentações (leituras) por peritos de renome na área da saúde mental global.

Benedetto Saraceno, professor de Psiquiatria na Universidade de Genebra e um dos principais líderes da saúde mental a nível internacional, abriu o debate defendendo a urgência em tratar este assunto como fenómeno global, atribuindo-lhe um plano de ação. Vikram Patel, professor de Saúde Mental na London School of Hygiene and Tropical Medicine, ao fechar primeiro dia do Fórum sintetizou o pensamento de todos os participantes, unidos na convicção de que é necessário dar prioridade à saúde mental. ■



Vídeo premiado

Nós os fantásticos seres vivos: uma breve história sobre evolução, coproduzido pelas equipas de Comunicação de Ciência do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (ITQB), foi o vencedor da categoria de materiais didáticos em suporte interativo do concurso internacional Ciencia en Acción. O concurso premeia anualmente os melhores trabalhos de divulgação científica feitos em países de língua portuguesa ou espanhola.

Este não é o primeiro reconhecimento que o vídeo alcança.

Em maio, o júri da Casa das Ciências, o portal Gulbenkian para professores, distinguiu-o com uma menção honrosa. Pensado para jovens dos sete aos 12 anos, esta animação explica como surgiu a diversidade de seres vivos a partir de um antepassado comum, apresentando a árvore da vida, o aparecimento de novas espécies e ainda a contribuição que os estudos sobre evolução trazem para outras áreas científicas e para a sociedade. ■

www.youtube.com/IGCiencia

Cientistas discutem imunoterapias para diabetes

Entre os dias 27 e 29 de outubro, o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) acolheu a reunião anual do consórcio europeu Naimit onde foram discutidos progressos feitos no desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas para o tratamento da Diabetes Tipo 1. Promovendo sinergias entre cientistas europeus que investigam diferentes aspetos da Diabetes Tipo 1, o Naimit visa conhecer melhor a patogénese desta doença e explorar novas terapias com uma resposta controlada do sistema imunológico. Os cientistas envolvidos neste consórcio têm como missão testar novas abordagens utilizando fatores naturais (como os antigénios, corticoides e derivados de vitamina D) que modulem o sistema imune, investigar mecanismos envolvidos na morte das células do pâncreas que produzem a insulina e desenvolver estudos genéticos para perceber como se podem alcançar terapias individualizadas. O projeto Naimit, iniciado em 2009, junta investigadores básicos e clíni-

cos de 14 instituições académicas e empresas de seis países. O grupo de investigação em Fisiologia de Linfócitos do IGC, coordenado por Jocelyne Demengeot, é um dos parceiros do consórcio Naimit e organizador deste encontro internacional. O seu grupo estuda os mecanismos que permitem ao sistema imune identificar e proteger os tecidos do próprio organismo, procurando alternativas às terapias atuais que se baseiam na supressão geral da resposta imunológica. Além de ineficazes, estas terapias criam suscetibilidades a doenças infecciosas oportunistas e a tumores. No IGC, diversos grupos de investigação estudam a diabetes recorrendo a modelos animais e investigando a genética humana desta e de outras doenças autoimunes.

A diabetes afeta cerca de 347 milhões de pessoas em todo o mundo. Apesar de todos os avanços biomédicos alcançados nesta área, ainda se desconhece a causa da Diabetes Tipo 1 e como se pode prevenir. ■



Artur Santos Silva na abertura da Conferência © Mária Lessa

O Futuro do Desenvolvimento em debate

No dia 17 de outubro realizou-se na Fundação Gulbenkian a Conferência Internacional *O Futuro da Agenda Global de Desenvolvimento: visões para a CPLP*, que reuniu em Lisboa algumas das personalidades mais destacadas no espaço da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. No contexto de um processo de debate internacional sobre a reconfiguração dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), que em 2015 darão lugar a um novo enquadramento programático, tratou-se de uma oportunidade de cruzar olhares e perspetivas diversas sobre o futuro do desenvolvimento.

“A visão que se encontra em cima da mesa é ambiciosa, assente numa ideia de transformação centrada nas pessoas, que elimine a pobreza e possibilite a prosperidade sustentável para todos”, assinalou na abertura da Conferência Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian. Na presença das ministras das Finanças de Cabo Verde e de Timor-Leste, dos antigos primeiros-ministros de Moçambique e de São Tomé e Príncipe, Artur Santos Silva afirmou que “o mundo já não se centra numa relação simplista entre países pobres e países ricos ou entre doadores e beneficiários”, sublinhando que esta relação se alterou significativamente ao longo da última década, com a reformulação dos tradicionais mecanismos de financiamento, face à crescente complexidade dos modelos de cooperação internacional e às necessidades acrescidas de recursos financeiros.

Artur Santos Silva deixaria a audiência com duas reflexões: “Em primeiro lugar, apenas a apropriação nacional das

agendas para o desenvolvimento poderá contribuir para o alcance destes objetivos”, disse o presidente da Fundação Gulbenkian, para quem cada país deve assumir a responsabilidade principal pela redução da pobreza e pelo desenvolvimento humano dos seus cidadãos, mobilizando esforços para aumentar a credibilidade das instituições políticas e desenhando políticas públicas mais eficazes. Aliás, a questão do crescimento foi uma das mais focadas durante a manhã, enquanto criadora de desigualdades e obstáculos ao desenvolvimento.

Seguiram-se intervenções do secretário-executivo da CPLP, o embaixador Murade Murargy, da presidente do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, Ana Paula Laborinho, e ainda de Otaviano Canuto, conselheiro sénior do Banco Mundial, que completou o painel de abertura da Conferência com a apresentação de dados estatísticos, ilustrando três mensagens: regista-se uma queda sem precedentes na pobreza, mas os seus elevados níveis persistem; os ODM estão correlacionados – a provisão de água e a igualdade de género têm implicações diretas no crescimento económico, por exemplo; e a experiência recente na América Latina e, em particular, no Brasil, onde em menos de uma década 50 milhões de pessoas passaram a estar acima da linha de pobreza, “mostra que é possível”.

Ao longo do dia, a Conferência desenrolou-se em vários painéis de discussão, onde foram apresentadas questões e perspetivas diversas sobre o futuro do desenvolvimento. No painel com o tema “Paz, Segurança e Fragilidade”, a pri-



Nuno Mota Pinto (moderador) e os conferencistas Luísa Diogo, Cristina Duarte e Rafael Branco © Mária Lessa

meira convidada a intervir foi Emília Pires, ministra das Finanças de Timor-Leste desde 2007, que no ano passado foi nomeada para o Painel de Alto Nível de aconselhamento ao Secretário-Geral das Nações Unidas sobre a agenda de desenvolvimento global pós-2015. Emília Pires, que também preside ao g7+, um grupo a que estão associados vários “estados frágeis” muitos afetados por conflitos, frisou na sua comunicação que, para erradicar a pobreza, é necessário acabar com os conflitos e dar prioridade à construção dos Estados.

A última intervenção do dia coube a Ricardo Soares de Oliveira, professor de Política Comparada na Universidade de Oxford, que nas suas considerações finais focou as temáticas ausentes na formulação dos ODM no ano 2000: a paz, a segurança e a construção dos Estados foram novamente referidas, mas a ênfase foi colocada na fuga de capitais e na sobrefaturação, questões com uma importância sistémica para as economias africanas. “Uma dose de realismo e pragmatismo é imprescindível”, afirmou, ressaltando que “estamos hoje perante muitas visões alternativas de desenvolvimento”. Um dos aspetos que, segundo Ricardo Soares Oliveira, coloca um grande desafio no futuro é a questão da compatibilidade dos ODM, quando muitas vezes as agendas da sustentabilidade e do ambiente são vistas como antagónicas da agenda do desenvolvimento, e não complementares. “A agenda pós-2015 vai ser intrinsecamente política”, vaticionou, deixando por fim o apelo a um papel mais interventivo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

No encerramento desta Conferência organizada pelo Programa Gulbenkian Ajuda ao Desenvolvimento em parceria com a CPLP, a administradora da Fundação Isabel

Mota sublinhou a importância para o futuro da agenda global de desenvolver “mecanismos participativos que deem voz a todos os atores – cidadãos e cidadãs, organizações da sociedade civil, setor privado, autoridades públicas a todas as escalas, e organizações nacionais –, permitindo encontrar formas mais eficazes de promover a articulação do trabalho em rede”. A administradora anunciou ainda que as conclusões da Conferência serão publicadas em versão eletrónica e que em 2014 a Fundação Gulbenkian dará seguimento a este debate. ■



António Monteiro (moderador) e os conferencistas Emília Pires, Domingos Simões Pereira e José Manuel Pureza © Mária Lessa

Orquestra Gulbenkian digressão na China

A Orquestra Gulbenkian regressou da sua digressão pela China depois de ter atuado, com grande sucesso, em três cidades daquele país. O momento alto da *tournee* ocorreu em Pequim, no Centro Nacional de Artes Performativas, o maior teatro da capital chinesa e uma das novas referências arquitetónicas da cidade, onde a Orquestra foi aplaudida durante cerca de 10 minutos, tendo oferecido um duplo *encore*.

Antes de chegar à capital chinesa, a orquestra tocou em Macau, no Centro Cultural, no âmbito de Festival Internacional daquela região, e em Guangzhou, no Sul do país, sempre sob a direção do seu novo maestro titular, Paul McCreech.

Além de duas peças conhecidas do repertório clássico (as sinfonias *Pastoral*, de Beethoven, e *Novo Mundo*, de Dvorák), o programa incluiu uma obra do compositor português Luís de Freitas Branco (*Dois Melodias*) e um Concerto para Marimba e Orquestra do percussionista brasileiro Ney Rosauro, com o solista chinês Li Biao.

Esta foi a terceira digressão da orquestra pela China. ■



Macau, Ruínas de S. Paulo



Risto Nieminem, diretor da Gulbenkian Música e Vera Dias, fagotista da Orquestra Gulbenkian em entrevista à Radio Mariazinha de Macau.



Ensaio antes do concerto



Primeiro concerto na China, no Centro Cultural de Macau



À saída de Macau a caminho de Guangzhou

18 out, Macau

19 out, Guangzhou



À chegada a Guangzhou para o segundo espetáculo



Aspetto exterior da Ópera de Guangzhou



Último ensaio antes do espetáculo



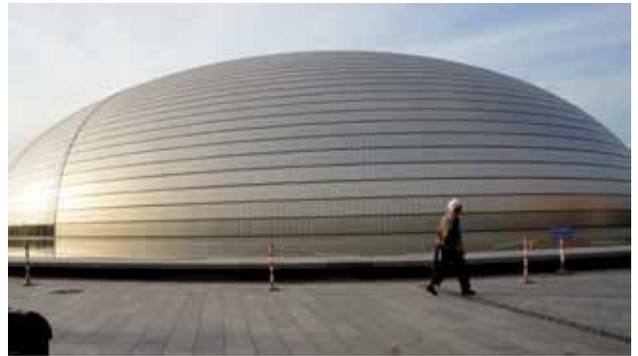
Em plena atuação

Fotografia de Jorge Freire

20 out, Pequim



A caminho de Pequim



Centro Nacional de Artes Performativas, da autoria do arquiteto Paul Andreu, onde a Orquestra encerrou a digressão



Ensaio geral



Concerto final



Large Fragment (2006), de Bridget Riley

Arte no Uk Branch

A delegação da Fundação Gulbenkian em Londres apresenta atualmente, no seu espaço, várias obras de arte. Deste conjunto destaca-se a escultura *(Not) Connecting #1* (2007), de Fernanda Fragateiro. Monumental, mas frágil, esta peça é construída por centenas de linhas de seda, compradas numa retosaria tradicional em Lisboa, ligadas por dois suportes de aço e cujo brilho remete para os seus estudos dos efeitos óticos. Num segundo trabalho, Fernanda Fragateiro presta homenagem a uma das mais conceituadas artistas que trabalham a cor e as mudanças óticas, Bridget Riley. Estão também visíveis excertos, desenhados à mão, de uma entrevista entre Riley e David Sylvester, em 1967, na qual discutem o poder dos efeitos óticos e a forma como o trabalho da artista estimula as sensações. A obra *Large Fragment* (2006), de Riley, está também por perto.

No UK Branch pode ver-se ainda *Peppered Moth Print* (2008), de Alison Turnbull, que fez parte da exposição *Darwin's Canopy*, apoiada pela UK Branch, no Museu de História Natural em Londres. Inspirada pelo pensador evolucionista, a artista descobriu o manual *Werner's Nomenclature of Colours*, uma obra que o próprio Darwin levou para a sua viagem às ilhas Galápagos. Turnbull fez parte dos 11 artistas convidados a participar no Programa de Residências Artísticas nas Galápagos (2007-2011) e na exposição que se lhe seguiu apresentada em Edimburgo, Liverpool e no CAM, em Lisboa, em 2012-2013. ■



(Not) Connecting #1 (2007), de Fernanda Fragateiro



Arte e Infância – Encontro Internacional

No dia 9, realiza-se o III Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano, mais uma iniciativa do Opus Tutti. Desenvolvido desde 2011 com financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, este projeto artístico e educativo visa a conceção de boas práticas de intervenção na comunidade dirigidas à infância. *Arte e infância são questões políticas* é o título da conferência de abertura, às 9h30, a cargo de Sabine de Ville, presidente da Culture & Démocratie, uma plataforma de reflexão com sede em Bruxelas que reúne artistas e agentes culturais. Ao longo do dia serão apresentados vários estudos de caso e serão partilhadas experiências relacionadas com música, implementadas no terreno no âmbito do Opus Tutti. Este encontro pretende apresentar formas alternativas de formação, mostrando a investigadores e pessoas que trabalham no quotidiano com crianças o que a música pode fazer para trazer maior qualidade de vida e bem-estar. Mais informações e inscrições em www.opustutti.com ■

Prémio Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian

Na sua sétima edição, o Prémio Branquinho da Fonseca foi atribuído às obras *O Cotão Simão*, da autoria de **Ana Rita Rufino Faustino** e *O Primeiro País da Manhã*, de **Ricardo Gonçalves Dias**. Os dois trabalhos acabaram *ex-aequo* e foram escolhidos de um conjunto de 16 obras candidatas na modalidade de literatura para a infância.

O Júri distinguiu ainda com uma Menção Honrosa *O Vulcão Sopão*, da autoria de **Elisabete Catarino**, pelo carácter didático e formativo da obra e pela sua atualidade temática. No que diz respeito à modalidade Juvenil, o Júri decidiu não atribuir o Prémio por considerar que, dos originais apresentados, nenhum atingiu o grau de exigência que se impôs desde que o Prémio foi instituído.

O Prémio Branquinho da Fonseca, iniciativa conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal *Expresso*, teve a sua primeira edição no ano 2001, e tem como objetivo incentivar o aparecimento de jovens escritores (entre os 15 e os 30 anos) de literatura infantil e juvenil. O Júri é constituído por Ana Maria Magalhães, Rita Taborda Duarte, José António Gomes, Fernando Madrinha, representante do jornal *Expresso* e Maria Helena Melim Borges, representante da FCG. ■

Manual para transformar o mundo

“Transformar uma ideia inspiradora numa solução inovadora em apenas dez passos” – é assim que é apresentado o *Manual para Transformar o Mundo*, recentemente lançado pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano. Trata-se de uma ferramenta dirigida a qualquer pessoa que tenha uma ideia para solucionar um problema social, cujos conteúdos foram desenvolvidos pelo Instituto de Empreendedorismo Social e pelo Insead a partir dos módulos de formação da iniciativa FAZ – Ideias de Origem Portuguesa. Esta iniciativa convoca a diáspora portuguesa a encontrar respostas inovadoras aos desafios sociais que Portugal enfrenta atualmente nas áreas do envelhecimento, inclusão social, diálogo intercultural e ambiente/sustentabilidade. Este movimento à escala global tem permitido desenvolver ideias e projetos em território português, alguns deles já com resultados demonstrados, como o ArrebitalPorto, a Orquestra XXI, o Fruta Feia ou o transportespublicos.pt. O manual tem informação que permite compreender o processo de implementação do projeto social desde a sua conceção, passando pela mobilização de recursos, realização de um projeto piloto e aferição de impacto, até à fase de crescimento e comunicação. O site www.faz.transformaromundo.pt dá mais informações e apresenta vídeos de formação que podem complementar a leitura do manual. ■

Benefício público da investigação em cancro

A Associação Portuguesa de Investigação em Cancro (ASPIC) inaugura o seu programa de atividades públicas na Fundação Gulbenkian, no dia 12, com a conferência *Public Benefit of Cancer Research*. Nic Jones, membro da direção científica da Cancer Research UK, prestigiada *charity* que financia cerca de metade da investigação em cancro no Reino Unido, e Julio Celis, presidente do Policy Committee da ECCO (European CanCer Organization) e vice-presidente da Aliança para a Investigação Biomédica na Europa, são os oradores convidados. A recém-criada ASPIC tem como objetivo promover a investigação em cancro em benefício público e ajudar a disseminar resultados, analisando e propondo soluções para questões relevantes para a investigação e para os investigadores em Portugal, na Europa e a nível internacional, assumindo um papel de ligação com os países de língua portuguesa no mundo. A conferência *Public Benefit of Cancer Research* realiza-se no dia 12, às 17h, no Auditório 3 da Fundação, com o apoio do Programa Gulbenkian Inovar em Saúde. Repete-se no Porto, na Fundação Eng. António de Almeida, no dia seguinte, 13 de novembro. Mais informações: www.aspic.pt/conference2013 ■

MANUAL PARA TRANSFORMAR O MUNDO

O primeiro guia para o empreendedor social publicado em Portugal

DA IDEIA INSPIRADORA À IMPLEMENTAÇÃO INOVADORA



Encontro Deficiência e Inclusão

Deficiência e Inclusão é o tema a ser discutido no encontro organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Centro Português de Fundações, que se realiza a 11 de novembro, a partir das 10h, na Sala 1 da Fundação.

Ao longo do dia, especialistas portugueses e estrangeiros irão debater alguns dos desafios da deficiência, sobretudo no que respeita à conceção de políticas públicas, ao emprego ou ao papel da sociedade civil. A primeira parte do encontro será dedicada à apresentação dos resultados do *Estudo de Avaliação do Impacto dos Planos de Austeridade dos Governos Europeus sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*, cofinanciado pela Fundação Gulbenkian em parceria com as fundações que incorporam o Consórcio Europeu para os Direitos Humanos e a Deficiência.

Este encontro surge na sequência do percurso que a Fundação Gulbenkian, através do Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, tem vindo a fazer na área da defesa dos direitos das pessoas com deficiência. ■

Intervenção na área das demências

No âmbito do projeto Cuidar Melhor, criado pelas Fundações Gulbenkian e Montepio, em parceria com a Associação Alzheimer Portugal, realiza-se no dia 28 de novembro, na Universidade Católica Portuguesa, o primeiro encontro de profissionais na área das demências.

Médicos, enfermeiros, psicólogos ou assistentes sociais terão oportunidade de ver debatidos temas ligados à intervenção junto de pessoas com demência, por alguns dos nomes mais relevantes da área em Portugal, como o neurologista Alexandre Castro Caldas e a presidente da Associação Alzheimer Portugal, Rosário Zink. Entre os temas abordados estão a importância do diagnóstico atempado, os limites da atuação da família e dos profissionais na prestação de cuidados ou a demência em pessoas que vivem isoladas.

Cuidar Melhor é uma iniciativa que pretende contribuir para a inclusão e promoção dos direitos das pessoas com demência. Para cumprir esse objetivo, foram criados gabinetes de apoio a pessoas com demência e seus cuidadores nos municípios de Cascais, Oeiras e Sintra. Mais informações: www.cuidarmelhor.org ■



IN MEDIA RES – no meio das coisas

A obra de Manuel Tainha no Doclisboa

O documentário *IN MEDIAS RES – no meio das coisas*, sobre o pensamento e a obra do arquiteto Manuel Tainha (1922-2012), realizado por Luciana Fina, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, vai ser exibido no Cinema City Alvalade, no dia 3 de novembro, às 16h30, integrado no Doclisboa '13.

Personalidade incontornável do pensamento arquitetónico em Portugal e do seu confronto com a modernidade, Manuel Tainha abriu o seu ateliê nos anos 50 e concebeu projetos durante quase seis décadas. A partir dos textos de Manuel Tainha e de conversas gravadas entre 2010 e 2012, o filme propõe uma leitura cinematográfica do pensamento e do universo do arquiteto, um diálogo com a sua ética e poética. Dando corpo à palavra, à reflexão e às fontes de inspiração, bem como ao constante confronto com as outras artes, o filme acompanha-nos num percurso através de três obras de Manuel Tainha, projetadas e construídas entre os anos 50 e 70.

O documentário nasceu no âmbito de um projeto de produções cinematográficas da Fundação Gulbenkian sobre grandes vultos da arquitetura portuguesa do século XX, cujos espólios foram recentemente doados à Biblioteca de Arte da Fundação. ■

O Estado simples

Maria Manuel Leitão Marques é a conferencista convidada para o dia 22 de novembro, em mais uma das palestras inseridas no ciclo Sextas da Reforma, desta vez sobre o tema *O Estado Simples*. Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Maria Manuel Leitão Marques investiga atualmente a regulação pública da economia e a inovação dos serviços públicos. Com uma carreira dedicada ao direito e Administração pública, foi secretária de Estado da Modernização Administrativa (2005-2011) e autora do programa Simplex. Este ciclo, iniciado em setembro, tem trazido mensalmente ao Auditório 3 da Fundação Gulbenkian personalidades das áreas económica ou financeira, para conferências sobre a reforma, a organização e gestão do setor público, numa parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian, o Banco de Portugal e o Conselho das Finanças Públicas. A entrada para os seminários é livre, mas sujeita a inscrição prévia obrigatória, através do sítio da internet do Banco de Portugal www.bportugal.pt. ■



Ricardo Gaspar* | 22 anos | Área: Música

Um longo e aliciante caminho a percorrer

COMO SURTIU O INTERESSE PELA VIOLA?

Começou muito cedo, porque os meus pais (ambos professores de Música) fomentaram em mim um enorme gosto pela música e pelas artes em geral. Por volta dos sete anos, o meu pai fez-me um teste auditivo para saber qual a textura com que mais me identificava, que me dava mais prazer e para a qual tinha maior apetência. O resultado foi o registo da viola e do clarinete. Não me lembro bem do resto da história (tinha na altura oito anos) mas quando me levaram à Fundação Musical dos Amigos das Crianças (FMAC), experimentei a viola e o resultado do teste confirmou-se. Mas só anos mais tarde, no final do secundário, é que decidi seguir música, porque de uma maneira muito natural comecei a decair nos estudos ao mesmo tempo que o bichinho da música foi ficando cada vez mais forte. Lembro-me que no meu último concerto na FMAC fiquei

maravilhado com as luzes do palco e a beleza da sala, ao mesmo tempo que dava um pouco de mim às pessoas. Esse impacto ficou marcado até hoje. Na altura decidi que queria mais daquilo, e apercebi-me de que tinha pela frente um longo e aliciante caminho que podia percorrer com muito prazer. Fiz provas para a Escola Superior de Música de Lisboa e entrei. E assim começou!

DE QUE MODO É QUE A ROYAL ACADEMY OF MUSIC ESTÁ A CONTRIBUIR PARA A SUA FORMAÇÃO?

A Academy é uma instituição fantástica com imensos recursos, e que me dá oportunidades únicas. Para além das aulas individuais de instrumento, cada aluno participa em vários projetos orquestrais durante o ano. Tive a oportunidade de ser chefe de naipe do Royal Academy Soloists (o *ensemble* da elite dos alunos de cordas) com o qual toquei

no prestigiado Wigmore Hall e gravei um arranjo de câmara da 2ª Sinfonia de Bruckner. Devido à parceria que as escolas de música em Londres mantêm com a London Symphony Orchestra estive no ano passado no *string scheme* da orquestra (desenhado para o enriquecimento da experiência orquestral dos estudantes), na qual toquei em três projetos, no Barbican Centre. Tenho ainda o enorme prazer de poder fazer música de câmara ao mais alto nível com colegas excelentes, e ter o apoio da escola e a dedicação dos professores durante os ensaios e nos concertos.

CONTE-NOS UM POUCO SOBRE O SEU DIA A DIA.

Bem, num dia faço um pouco de tudo. Vou para a escola de manhã e estudo o meu repertório individual, depois de um período de aquecimento e de técnica base. Conforme as horas dos ensaios que variam de dia para dia, almoço entre as 12h e as 14h (trago sempre a marmitta de casa) e depois tenho ensaios durante a tarde, ou de quarteto de cordas ou de trio (harpa, viola e flauta), que são os meus grupos agora “no ativo”. Depois posso ter tempo ou não para estudar às 17h, sendo que normalmente saio da Academy entre as 19h30 e as 21h30, dependendo sempre de algum ensaio que possa estar marcado para a noite. Janto sempre em casa, cozinho sempre a mais para dar para o almoço do dia seguinte, e relaxo um pouco a ler ou a conviver com os meus amigos. Claro que o quotidiano da vida de um músico tem sempre como base uma rotina de estudo individual, mas toda a dinâmica de ensaios e concertos vai mudando todas as semanas, não havendo um dia que seja igual a outro.

CONCLUÍDA ESTA FASE DA SUA APRENDIZAGEM, O QUE TEM PROJETADO PARA UM FUTURO PRÓXIMO?

Estou ainda a ponderar se devo seguir para uma pós-graduação ou doutoramento em Londres ou noutra pais como a Alemanha ou a Suíça. Mas penso que também devo começar a criar laços profissionais, quer a fazer audições para trabalhos e lugares de orquestra, quer a projetar os meus grupos de música de câmara. Tenho planos para participar em alguns concursos internacionais, a solo e em música de câmara, e em cursos e *masterclasses* de relevo. Em Londres, em particular, trabalha-se muito como *freelancer* na área da música, havendo músicos que não têm um trabalho fixo nem remuneração estável. Tocam com algumas orquestras profissionais, ou criam os próprios *ensembles*. Há uma procura intensa de música de câmara por parte de uma audiência bastante alargada, o que leva a que se toque em salas desde as mais distintas às mais pitorescas. E depois há sempre a questão de tentar arranjar uma agência que contribua para o preenchimento de uma agenda profissional que no futuro espero que esteja recheada de oportunidades espetaculares de performance.

**Bolsa para aperfeiçoamento em Música no Royal Academy of Music em Londres*



COMO É VIVER EM LONDRES?

É muito aliciante. É uma cidade com uma oferta cultural imensa, muito bem estruturada e organizada. O ritmo de vida é alucinante, muita gente, muitas nacionalidades, muito movimento. O facto de haver uma panóplia de museus cuja entrada é gratuita, e cujo conteúdo atinge os mais altos patamares de qualidade, como o British Museum ou a National Gallery, leva-nos a passar algumas horas por semana entre Kensington e Covent Garden, ou a atravessar o rio em Westminster. Há sempre muitos concertos para ver, exposições e os mais variados tipos de espetáculo, entre os quais os famosos musicais de West End. Claro que depois também há aspetos menos positivos, a cidade tem muita poluição, as ruas e os passeios estão muitas vezes sobrelotados e a espetacular rede pública de transportes faz-se pagar nos passes mensais. O facto de a cidade ser um grande centro mundial reflete-se no custo geral de vida. A alimentação e artigos de supermercado são em geral mais caros do que em Portugal e nem sempre com a qualidade a que estamos acostumados. ■



Um olhar sobre a água e o futuro da humanidade

Por Luis Veiga da Cunha

Coordenador e membro do Think Tank Gulbenkian sobre a Água e o Futuro da Humanidade

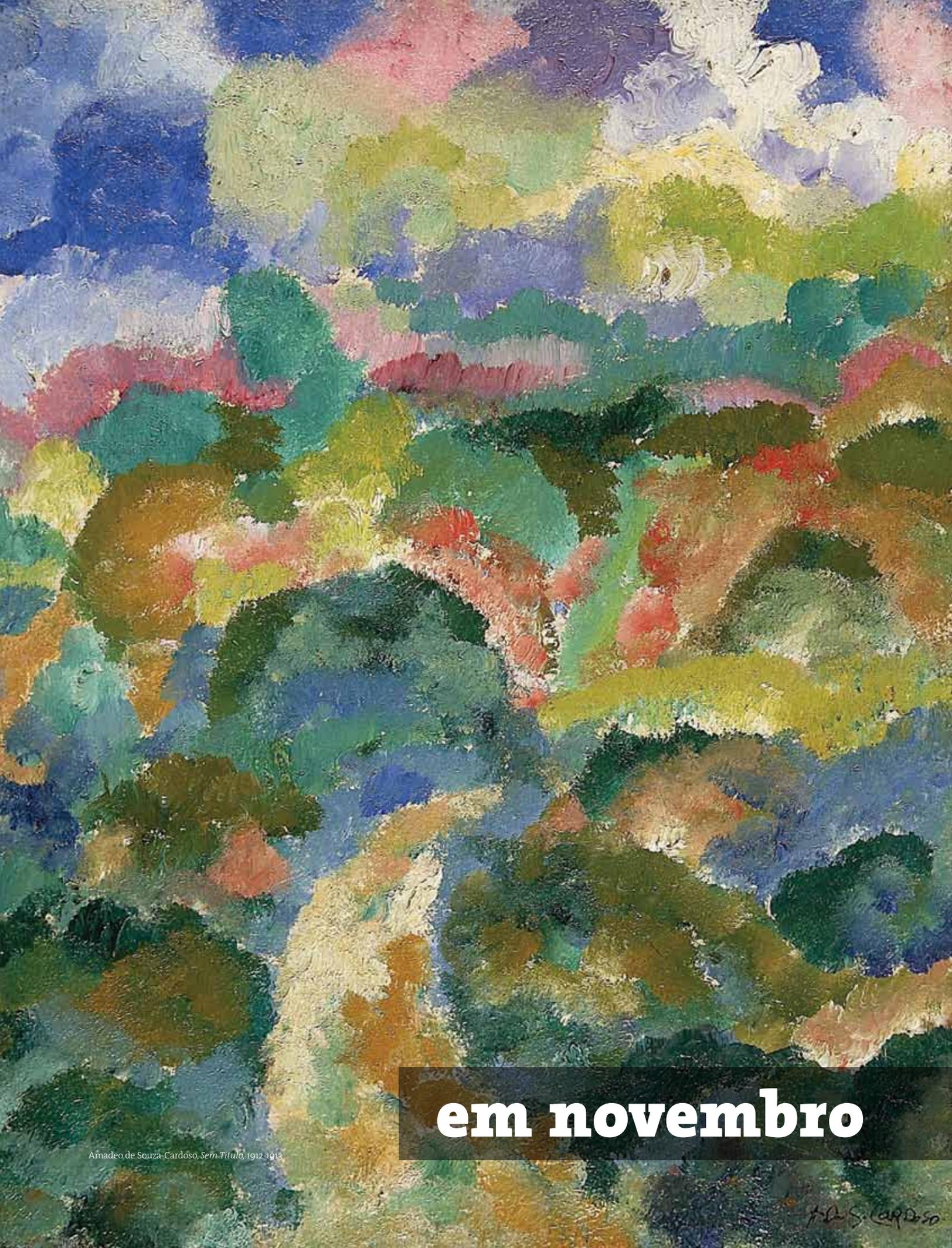
O mundo está a viver um período de acelerada mudança que terá, para o sistema global da Terra, consequências difíceis de prever. A água, componente essencial deste sistema, não escapará naturalmente a essa mudança. Isto decorre em larga medida do carácter transectorial, transdisciplinar, transfronteiriço e transgeracional da água, o que lhe confere a possibilidade de ser uma fonte de conflitos, ou, pelo contrário, uma oportunidade de cooperação. As alterações climáticas e os seus impactos, mediados em muitos casos pela água, vieram recentemente, em muitas regiões, agravar as perspetivas dos problemas relacionados com a água.

Consciente destas preocupações, a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu, no final de 2010, convidar um grupo de especialistas, com diferentes perspetivas dos problemas da água e provenientes de várias regiões do mundo para integrar o Think Tank Gulbenkian sobre a Água e o Futuro da Humanidade, conferindo-lhe o mandato de proceder à análise dos aspetos mais relevantes das interações dinâmicas entre os sistemas hídricos e a sociedade no século XXI. Acreditando que é possível recorrer a uma capacidade visionária, às novas tecnologias e a recursos financeiros suficientes para melhorar o bem-estar humano e possibilitar uma gestão segura dos recursos hídricos globais, os especialistas do Think Tank Gulbenkian perscrutaram uma visão do futuro, analisando as ações que os cientistas, decisores e consumidores podem e devem adotar para enfrentar os desafios da governança da água, num planeta que está a aquecer e a aproximar-se dos nove mil milhões de habitantes.

A ameaça de uma crise ambiental global da água é tão assustadora como real. A nossa preocupação fundamental deverá ser, assim, a de criar, com a maior urgência, as condições necessárias para que a criatividade humana no campo político, científico, cultural e ético se concentre no projeto global de perpetuar o futuro da humanidade e de garantir a preservação do ambiente natural e em particular a da água.

Este esforço deverá certamente implicar sacrifícios, mas valerá a pena, pois o que está em jogo é afinal a própria capacidade de sobrevivência da espécie humana no Planeta. Haverá, na realidade, que alterar muita coisa, relativamente a diversas dimensões da sociedade, com especial destaque para as interações entre água, energia, produção de alimentos e saúde dos ecossistemas.

No futuro, a água tornar-se-á um recurso cada vez mais valioso para a sociedade e os novos problemas não poderão deixar de ter uma ação catalítica na procura de soluções inovadoras no campo social, tecnológico e da governança da água. Na realidade, para fazer face aos problemas da água no futuro será necessária uma verdadeira revolução cultural em termos das metodologias de identificação, avaliação, análise e solução desses mesmos problemas, bem como um novo tipo de relacionamento do homem com a água, assente em paradigmas e modelos muito diferentes dos atuais. ■



em novembro

Amadeo de Souza-Cardoso, *Sem Título*, 1912-1913

A.S. Cardoso

CAM – 30 ANOS

Conferências, performances e cinema

*Este é um mês repleto de iniciativas que se conjugam para celebrar os 30 anos de vida do Centro de Arte Moderna. O ponto alto das comemorações deu-se com a inauguração da exposição **Sob o Signo de Amadeo. Um Século de Arte**, uma mostra que reúne três centenas e meia de obras emblemáticas da coleção do CAM, e que pode ser visitada até janeiro. Em torno desta exposição, especialistas nacionais e internacionais reúnem-se agora num **ciclo de conferências** para refletir sobre o Modernismo, com especial incidência na figura de Amadeo de Souza-Cardoso. Ao mesmo tempo prossegue o **ciclo de performance** iniciado no mês passado, envolvendo um conjunto de artistas nacionais que têm vindo a explorar esta prática artística e a quem o CAM encomendou trabalhos originais concebidos especialmente para a ocasião. Finalmente, a Sala Polivalente do CAM será palco do ciclo **Harvard na Gulbenkian**, uma iniciativa do **Harvard Film Archive** com projeções e debates em torno da produção cinematográfica nacional (ver pág. 4-7).*

Ciclo de conferências Sob o Signo de Amadeo

O Modernismo, as vanguardas europeias e a obra de Amadeo vão estar no centro de um ciclo de conferências paralelo à exposição comemorativa dos 30 anos do CAM. Este ciclo decorre numa das galerias do Museu, em pleno espaço expositivo, com as obras de Amadeo em pano de fundo. Um painel de investigadores nacionais e internacionais vai questionar algumas teses e ideias assumidas pela história da arte mundial, propondo novos olhares e prometendo acesos debates.

O ciclo abre no dia **7 de novembro**, com um módulo dedicado à **Fotografia**, com a participação de dois especialistas internacionais: **Jorge Ribalta**, curador do Centro de Arte Reina Sofia, de Madrid, e **Blake Stimson**, professor na Universidade de Illinois, EUA.

O primeiro vai lançar um novo olhar sobre Paul Strand, o fundador do modernismo fotográfico americano, que se tornou num revolucionário comunista radical nos anos 30 do século passado, tendo o seu trabalho permanecido lite-

almente idêntico, o que Ribalta interpreta como sintoma de uma certa “doença” no seio do modernismo.

O segundo orador, vindo do outro lado de Atlântico, mergulha também no século XX, partindo igualmente da figura de Paul Strand, para falar sobre “comunismo fotográfico”, sublinhando a capacidade da fotografia para revelar e trabalhar criticamente os aspetos imaginários da identidade e da pertença coletiva dos povos. Modera a sessão **Margarida Medeiros**, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem da Universidade Nova de Lisboa e crítica de arte.

O painel seguinte, no dia **14 de novembro**, é dedicado a **Modernismo e Vanguardas**, pretexto para explorar a coexistência de vários espaços europeus de produção de vanguardas, pondo em causa a posição de Paris como o único centro de afirmação do modernismo. **Annika Öhrner**, professora na universidade sueca de Södertörn, falará de alguns desses espaços iniciais de vanguarda, a partir de uma perspetiva nórdica. Já **Helena de Freitas**, da Fundação Gulbenkian, centrará a sua comunicação na obra de Amadeo, o grande pioneiro do Modernismo em Portugal, que careceu, ao longo dos tempos, de uma receção crítica regular e de uma boa assimilação interpretativa. Na sequência do trabalho que tem vindo a ser feito nos últimos anos, a investigadora coloca o artista no lugar que indiscutivelmente merece na história da arte europeia e mundial. A moderação está a cargo de **Maria Teresa Cruz**, do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem.

O impacto da **Guerra** na história da arte constitui o tema das conferências do dia **21 de novembro**. A partir da obra de artistas fundamentais do modernismo como Pablo Picasso,



Amadeo de Souza-Cardoso, *Os Galgos*, 1911

Juan Gris ou Maurice de Vlaminck, cuja prática estética se baseou numa subjetividade radical associada ao antimilitarismo de filiação anarquista, **Patricia Leighten**, docente da Duke University, apresenta uma nova perspetiva histórica e teórica do Modernismo. **Joana Cunha Leal** do Instituto de História de Arte discute, por seu lado, as obras finais de Amadeo de Souza-Cardoso a partir da recorrente incorporação de referências contextuais à I Guerra Mundial. Esta questão permitirá abrir um debate mais vasto sobre o lugar da representação na história do modernismo. Modera a sessão **Mariana Pinto dos Santos**, do Instituto de História de Arte da Universidade Nova de Lisboa.

Finalmente, a **28 de novembro**, no módulo dedicado à **Filosofia**, **Mark Antliff**, professor na Duke University, falará sobre a influência do filósofo francês Henri Bergson na vanguarda artística europeia, especialmente nos pintores Albert Gleizes e Jean Metzinger, autores da primeira síntese histórica do movimento cubista. Quanto a **Maria Filomena Mónica**, professora no Instituto de Filosofia da Linguagem, dissertará sobre arte e pessimismo a partir da cópia e ilustração de Saint-Julien l'Hospitalier de Flaubert realizada por Amadeo. O moderador é **Nuno Crespo**, docente do Instituto de História de Arte e crítico de arte.

Organizado por Joana Cunha Leal e Margarida Medeiros, este Ciclo de conferências resulta de uma parceria do Instituto de História de Arte e do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem da Universidade Nova de Lisboa com o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian.



Aspetto da exposição Sob o Signo de Amadeo © Paulo Costa

MOSTRAR AMADEO E O MODERNISMO

Para Joana Cunha Leal, coorganizadora, este ciclo de conferências centra-se na figura de Amadeo e tem como objetivo lançar um debate sobre o movimento modernista, como refere nesta curta entrevista.

QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE FORÇA DESTE CICLO?

A iniciativa partiu da oportunidade de rever a totalidade da obra de Amadeo na montagem que o CAM apresenta da sua coleção, comemorativa dos seus 30 anos. As conferências foram programadas com o intuito de abrir o debate sobre a obra de Amadeo para lá das abordagens mais concentradas na reconstituição da biografia do pintor. Procurámos introduzir, ou resgatar, a discussão de uma série de questões transversais sobre o Modernismo e as vanguardas do início do século XX que se cruzam com a obra do pintor português, nomeadamente a questão do impacto da I Guerra Mundial, do lugar da representação no modernismo, dos usos da fotografia, e da relação das artes plásticas com a poesia, a literatura e a filosofia.

QUE NOVAS VISÕES DO MODERNISMO VÃO SURTIR NO DECORRER DAS SESSÕES?

Tratar-se-á fundamentalmente de questionar a hegemonia de abordagens formalistas e semióticas, sobretudo quando emergem sustentadas por uma conceção autónoma e essencialista da arte e pela convicção (frequentemente implícita) de que o destino da arte moderna se cumpriu na abstração. Independentemente da importância e da pertinência do trabalho da história e da crítica da arte orientadas por esses princípios, trata-se agora de acentuar e discutir outras dimensões fundamentais da produção artística do modernismo e das vanguardas, nomeadamente o ativismo político, ou a tomada de posições antimilitaristas, de muitos dos seus protagonistas. Trata-se também de reclamar um lugar central para a representação no contexto da arte afetada pelo desenrolar da I Guerra Mundial.

QUAL O LUGAR DE AMADEO NO ÂMBITO DAS VANGUARDAS EUROPEIAS?

O ponto acima mencionado, sobre a centralidade que a representação mantém no Modernismo, é particularmente sensível na obra de Amadeo de Souza-Cardoso. Rever as premissas definidoras do Modernismo nestes termos implica, creio, dar um novo fôlego à ideia da centralidade da sua pintura na história da arte do início do século XX. Ou seja, implica reconhecer que, longe de ser um seguidor de Robert e Sonia Delaunay (como por vezes se sugere), ou mais do que a importância e o acerto das relações pessoais que estabelece em Paris, Amadeo tem um lugar seguro na história do Modernismo graças às pesquisas que empreendeu na sua obra e ao diálogo criticamente informado que nelas manteve com a pintura do seu tempo. ■

As conferências realizam-se na galeria do piso -1, sempre às 15h



Alberto Pimenta durante *Tudo Nada*, que abriu o ciclo de performance © Inês Ribeirinho

Ciclo de Performance

Nascida no seio das vanguardas, a performance marcou a passagem da arte moderna para a arte contemporânea, ao questionar o conceito tradicional de obra de arte e os limites do museu, impondo-se como uma linguagem inovadora, totalmente baseada em conceitos e ações.

Para evocar esta linguagem peculiar, tantas vezes irreverente, foram encomendadas performances inéditas a alguns artistas nacionais, convidados a transformar vários espaços do museu num palco sempre imprevisível. Alberto Pimenta, um dos fundadores da performance e do *happening* em Portugal, abriu o ciclo em outubro, tendo-se seguido as atuações dos artistas Pedro Tudela e Ramiro Guerreiro. Neste mês haverá mais quatro apresentações: *Oscar, 2013* de Joana Bastos no dia 7 de novembro, e *Como se apanha um fugitivo? Mostra de objetos conversáveis*, no dia 14, pela dupla *Musa Paradisiaca*.

Segue-se *Martinha Maia*, a 21 novembro, com *Small Matter*, cabendo a *Isabel Carvalho* fechar o ciclo no dia 28 de novembro. ■

As sessões realizam-se sempre às quintas-feiras, às 13h e às 17h.



Aspetto da exposição © Márcia Lessa

Ciclo de Conferências O Brilho das Cidades



Atribuído a William Frend De Morgan e William Morris, Painel de revestimento mural
© 2013, White Images / Scala, Florence

Em torno da exposição *O Brilho das Cidades. A Rota do Azulejo*, que reúne cerca de duas centenas de peças de museus e coleções de todo o mundo na Sala de Exposições da Sede da Fundação, realiza-se um **ciclo de conferências** com a participação de um conjunto de especialistas nacionais e internacionais. A primeira sessão, marcada para **4 de novembro**, mergulha nas origens do azulejo com **Annie Caubet**, conservadora-geral honorária do Museu do Louvre, a propor uma comunicação intitulada **Entre o Nilo e a Mesopotâmia. A Alvorada do Azulejo (4000-400 a. C.)**.

Uma semana depois, no **dia 11**, é a vez de **John Carswell**, professor na School of Oriental and African Studies, de Londres, falar sobre **Azulejos Islâmicos**, um setor largamente representado na exposição. A análise da produção nacional estará a cargo de **Ana Paula Rebelo Correia** da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que, no **dia 18**, incidirá a sua comunicação sobre as **Particularidades de um Quadrado de Barro Vidrado: O Azulejo Figurativo em Portugal**. A fechar o ciclo, **Alfonso Pleguezuelo**, cocomissário da exposição e um dos maiores especialistas europeus nesta matéria, falará, no **dia 25**, sobre **O Real Alcázar de Sevilha. Casa de Azulejos**.

Organizada pelo Museu Gulbenkian, esta mostra junta exemplares únicos de diferentes procedências geográficas e de distintos centros de produção, desenvolvendo-se em cinco núcleos temáticos: Nas Origens; Paredes que falam; Ornato e Mensagem; Poéticas Narrativas; e Presente e Futuro. A exposição tem como curadores João Castel-Branco Pereira, diretor do Museu Gulbenkian, e Alfonso Pleguezuelo, professor da Universidade de Sevilha, e pode ser visitada até dia 26 de janeiro de 2014. ■

Dias Culturais de Sharjah em Lisboa

Até ao final do mês, a Sala de Exposições Temporárias do Museu apresenta um conjunto de peças de coleções proveniente do emirado de Sharjah, constituído por mapas, caligrafias clássicas e contemporâneas do Oriente, peças de artesanato decorativas e utilitárias, trajes tradicionais e joias. Esta iniciativa resulta de uma colaboração entre a Fundação Gulbenkian, o Departamento de Cultura do Governo de Sharjah e a Embaixada dos Emirados Árabes Unidos.

Na inauguração da mostra, que contou com a presença do Ministro dos Negócios Estrangeiro de Portugal e com altos responsáveis dos Emirados Árabes Unidos, o presidente da Fundação, Artur Santos Silva, sublinhou o contributo desta exposição para promover uma cultura da tolerância, os valores universais da condição humana, e o respeito pela

diversidade e pela diferença. “Num mundo marcado por vários tipos de ameaças e por radicalismos extremos”, o presidente da Fundação desejou que “a cooperação entre estas instituições possa constituir uma preciosa contribuição e um frutuoso exemplo para o diálogo intercultural e compreensão entre os povos”. Já o Sheikh Sultan bin Mohammad Al Qasimi, responsável pelo Governo de Sharjah, agradeceu, na ocasião, a oportunidade de mostrar a arte do seu Emirado e realçou o papel cultural de Sharjah. Sendo um dos sete Emirados Árabes Unidos, Sharjah é a capital cultural com vários museus e uma aposta na arte contemporânea. A mostra que se apresenta na Fundação pretende apresentar um pouco da história recente do Emirado, sem esquecer a preocupação fundamental da educação e da cultura. A exposição pode ser visitada até dia 1 de dezembro. ■



Tie-break 2, 2013



Skill Playing Ball, 2012



Hardcourt, 2012



Drop Shot, 2013

Gymnasion

Raija Malka

CAM

15 de novembro – 26 janeiro

Uma enorme bola verde claro colocada à entrada da galeria de exposições temporárias, anuncia a próxima exposição do Centro de Arte Moderna. “A bola é tão grande que fica literalmente entalada entre o teto e o chão, sem nenhum espaço de respiração, colocando os visitantes numa espécie de palco, atores de uma peça de teatro para a qual existe um cenário, mas nenhuma dramaturgia ou encenação. Lá dentro, as formas que habitam as telas têm o formato de esculturas tridimensionais e toda a sala se transforma numa enorme pintura para o público habitar, usufruir, contornar e ouvir.” É deste modo que a diretora do CAM, Isabel Carlos, se refere a **Gymnasion**, a exposição de que é também curadora, e que a artista finlandesa **Raija Malka** vai apresentar a partir do dia 15 de novembro.

A razão do título é simples. O espaço sugeriu à artista um enorme ginásio, onde as suas pinturas, algures entre a instalação, o cenário e a arquitetura, criam, nas palavras de Isabel Carlos, “jogos de perceção estimulantes que evocam e convo-

cam o corpo”. O conceito de ginásio remonta, aliás, aos gregos antigos, que o usavam não apenas para exercitar o corpo, mas também o espírito. Nesta exposição há também mais do que simples exercício. A curadora vê nela uma reflexão sobre a vida e a morte, sobre o corpo e a sua finitude.

Duas obras emblemáticas da história da arte ocidental surgem como uma espécie de quadro conceptual desta mostra: *A Origem do Mundo*, de Gustave Courbet, e *A Ilha dos Mortos*, de Arnold Böcklin. Esta última, conclui Isabel Carlos, “funciona na exposição como o primeiro e simultaneamente derradeiro palco, a última entrada em cena do humano que é a morte”. Mas até chegarmos a esse último palco temos *Gymnasion*, ou seja “muito exercício, muitos passos, muitas corridas, muitas bolas batidas e muito campo para percorrer”.

A primeira exposição da artista plástica e cenógrafa Raija Malka em Portugal abre as portas no dia 15 de novembro e pode ser vista até ao dia 26 de janeiro. ■



Waldemar Bastos © DR

Waldemar Bastos com a Orquestra Gulbenkian

A Orquestra Gulbenkian sobe ao palco do Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, no dia 16 de novembro, para acompanhar Waldemar Bastos, um dos maiores nomes da diáspora musical angolana.

Para este concerto, inserido na programação do Misty Fest, Waldemar Bastos vem apresentar o disco *Classics of my Soul* – álbum gravado com a London Symphony Orchestra dirigida pelo conceituado Nick Ingman, o responsável pelos arranjos orquestrais de artistas como Peter Gabriel, B.B. King e Portishead, entre muitos outros.

Neste seu mais recente trabalho, o músico angolano acaba por pôr em prática aquela que ele acredita ser uma das funções da música: a unificação das culturas e dos povos através da canção.

A aproximação entre Africa e Ocidente que Waldemar pretende exprimir através da sua música acaba por se materializar nesta colaboração com a orquestra londrina,

que no dia 16 dará lugar à Orquestra Gulbenkian. A isto junta-se uma mensagem de congregação, beleza, amor e fraternidade, num disco mais “alegre e profundo” do que os seus antecessores, nas palavras do próprio, que espelha o momento de paz vivido nesta altura em Angola.

Esta será a única atuação do músico, integrada na programação de um festival que conta também com as presenças de JP Simões, Lloyd Cole, Scott Matthew e Ian McCulloch, entre outros, e que se espalha por várias salas e palcos por todo o país, entre 1 e 18 de novembro.

Numa altura em que o compositor de *Humbi Humbi Yangué*, *Muxima*, *Velha Xica* e *Pôr do Sol* festeja 30 anos desde a sua estreia discográfica, esta é uma oportunidade rara para ver e ouvir o melhor da música angolana com a companhia da Orquestra Gulbenkian. A primeira parte do espetáculo estará a cargo de Aline Frazão. ■

16 NOV – GRANDE AUDITÓRIO CCB – 21H



Coro e Orquestra Gulbenkian © Márcia Lessa



Leonardo Garcia Alarcón

Outros concertos em novembro

8 | sexta | 21h30 | Igreja de São Roque

CORO GULBENKIAN

Jorge Matta *maestro*

Coimbra: *Il Seicento em Santa Cruz*

Entrada livre

10 | domingo | 17h

11 | segunda | 21h | Centro Cultural de Belém

ORQUESTRA GULBENKIAN E TRIO ARRIAGA

Paul McCreesh *maestro*

Felipe Rodriguez *violino*

David Apellaniz *violoncelo*

Daniel Ligorio *piano*

Ludwig van Beethoven/ Piotr Ilitch Tchaikovsky

21 e 22 | quinta e sexta | 21h | Igreja de São Roque

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

Leonardo Garcia Alarcón *maestro*

Robin Blaze *contratenor*

Fernando Guimarães *tenor*

Alejandro Meerapfel *baixo*

Quito Gato *tiorba*

Johann Sebastian Bach /Giovanni Giorgi

28 | quinta | 21h

29 | sexta | 19h | Centro Cultural de Belém

ORQUESTRA GULBENKIAN

Paul McCreesh *maestro*

Benjamin Schmid *violino*

Henning Kraggerud *violino e viola*

Wolfgang Amadeus Mozart



Reflexões sobre a saúde

É com o “desejo que desta leitura possam surgir reflexões que levem a pensar na qualidade do sistema de saúde, na importância e significado da palavra ‘qualidade’ e no que cada um pode fazer para que o sistema de saúde português melhore” que Fernando Leal da Costa, comissário do ciclo Qualidade em Saúde e secretário de Estado-adjunto do ministro da Saúde, introduz o livro em que se podem encontrar alguns textos que refletem as conferências que passaram pela Fundação Calouste Gulbenkian há dois anos.

Tal como nas conferências, o volume *Qualidade em Saúde – Ciclo de conferências 2011* reflete o debate sobre as questões relacionadas com a qualidade dos cuidados de saúde num contexto atual de forte contenção e escassez de recursos. Nele se apresentam quatro estudos em que se discutem várias formas para tentar promover a efetividade e a eficiência de uma forma sustentável, sem perder qualidade no cuidado ao paciente, com aplicações tanto a nível governamental como ao nível de quem atua diretamente nesta área que nos diz respeito a todos. Gwyn Bevan, Sir Liam Donaldson, Alan Maynard e A. Blanton Godfrey são os especialistas que escrevem nesta edição da Fundação. O ciclo de conferências foi organizado pela Fundação Gulbenkian, a Escola Nacional de Saúde Pública e a Comissão Sectorial da Saúde do Instituto Português da Qualidade, com a colaboração da Direção-Geral da Saúde e da Administração Central do Sistema de Saúde. ■

OUTRAS EDIÇÕES:

Obras Completas

Edmundo Curvelo

“A imagem tem que saltar”: a Igreja e o Porto no séc. XVI (1499-1606). Um estudo de história urbana

José Ferrão Afonso

Na península de Setúbal, em finais da Idade Média:

organização do espaço, aproveitamento dos recursos e exercício do poder

José Augusto da Cunha Freitas de Oliveira

Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

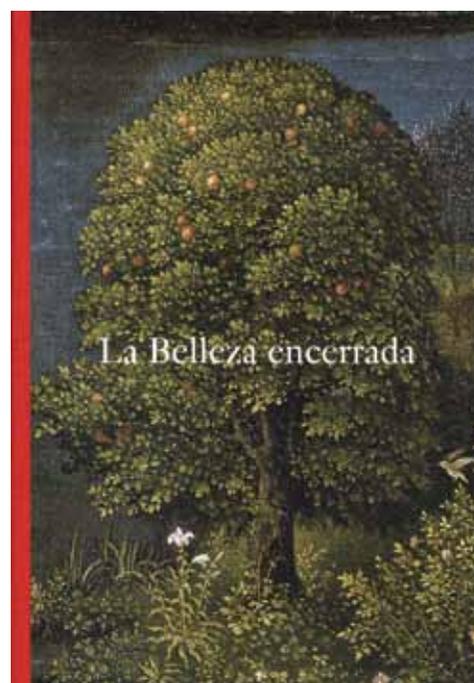
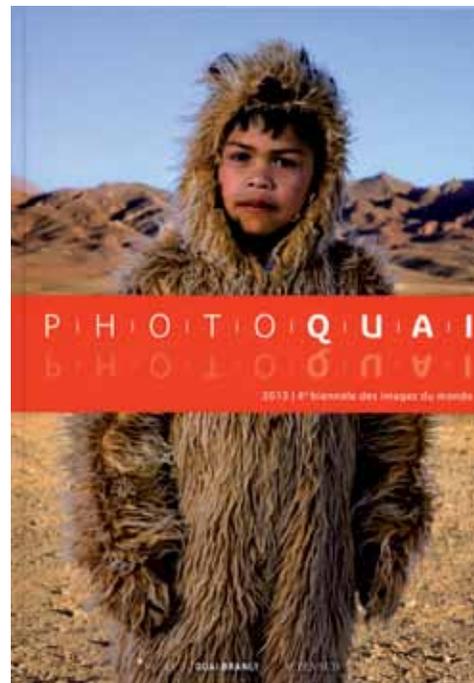
No dia 17 de novembro encerra a 4.^a edição da bienal de fotografia que o Musée du quai Branly (Paris) organiza desde 2007, e que é dedicada “às imagens do mundo”. Cada uma das edições da bienal teve uma direção artística distinta, estando a de 2013 confiada a Frank Kalero, atual diretor da revista *Punctum*, a *pan-asiatic point of view*, que escolheu para equipa responsável pela seleção dos fotógrafos e das obras apresentadas oito curadores da área da fotografia: John Fleetwood, curador para a África, Hester Keuser, curadora para o Médio Oriente, Shahidul Alam, curador para Ásia, Bohncchang Koo, curador para a China e o Extremo Oriente, Liza Faktor, curadora para a ex-URSS, Claudi Carreras, curador para a América Latina, Alexander Supartono, curador para o Sudoeste Asiático e Anne Noble, curadora para a Oceânia.

Sob o tema “Regarde-moi” (Olha para mim), foi selecionado um conjunto de trabalhos de 40 fotógrafos oriundos de zonas geográficas representadas nas coleções do museu, que evidenciam um olhar sensível sobre a figura humana em diversos ambientes e situações e entre os quais se conta o fotógrafo moçambicano Filipe Branquinho (n.1977), que já expôs na Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do programa Próximo Futuro.

A exposição é acompanhada por um catálogo (em francês e inglês e coeditado pela Actes Sud) que contém um texto de Frank Kalero e outro de Fred Ritchin (professor de Fotografia e Imagem na New York University), uma entrada para cada um dos fotógrafos, com uma pequena biografia e a reprodução dos trabalhos expostos, e notas biográficas dos curadores. ■

O dia 10 de novembro será o último para se visitar, no Museo del Prado (Madrid), a exposição intitulada *La Belleza encerrada*. Todos os que o puderem fazer terão oportunidade de ver reunidas 281 obras (pintura, desenho e escultura) do acervo daquele museu, que têm em comum algumas particularidades – pequenas dimensões, pormenores de virtuosismo técnico, uma paleta refinada de cores e detalhes mais ou menos escondidos – que implicam por parte do espectador uma observação mais atenta e mais próxima. Ainda as unem outras particularidades: o facto de serem raramente expostas ou, pelo seu reduzido tamanho, passarem despercebidas a olhares mais distraídos. Organizada cronologicamente, começando no final do século XIV, até ao final de Oitocentos, entre os artistas representados encontram-se Rubens, Jan Brueghel, El Greco, Rafael, Murillo, Luca Giordano, Watteau e Goya.

À semelhança das obras a que esta exposição é dedicada, também as 479 páginas do catálogo são de pequena dimensão; com a coordenação editorial de Manuela B. Mena Marqués, curadora da exposição, o catálogo tem 12 textos subordinados a outros tantos temas em que as obras estão organizadas, com a respetiva reprodução e, nalguns casos, com ampliação de alguns detalhes; completam-no uma bibliografia essencial e a lista das peças expostas. ■



Museu Calouste Gulbenkian

Azulejo com busto de jovem

Peça selecionada pelo seu carácter excepcional como imagem da exposição *O Brilho das Cidades. A Rota do Azulejo*, patente na galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian. Este “retrato” de um jovem sobre um fundo amarelo faria certamente parte de um painel com uma composição inspirada na prolixa produção pictórica da cidade de Ispaão, entre finais do século XVI e as primeiras décadas do século XVII, pintura produzida sobretudo em miniaturas ou iluminuras e que representava frequentemente jovens de elevado estatuto social em atitudes de contemplação e abandono místico.

A riqueza da roupa deste jovem, que indicia a sua condição social, o seu ar sereno e a qualidade do desenho remetem para as produções de grandes pintores persas da cidade, como Mirza’Ali, Riza’Abbasi ou Muhammadi, que geralmente assinavam as suas obras. O que se pode ver do fundo mostra-nos um céu com nuvens na parte superior (segundo o modelo habitual dos manuscritos iluminados persas), e folhas e flores no canto inferior, certamente parte da paisagem natural em que o jovem se integraria, como era habitual nestes quadros, e em que o amarelo se aproximava de um tom *dourado* que remetia para um sentido de elevação espiritual da cena.

As representações destes jovens – por vezes simples *dandies*, outras vezes figuras associadas às castas dirigentes, como príncipes – eram muito comuns na Pérsia safávida e influenciarão também enormemente a produção pictórica na Índia mogol do mesmo período, sobretudo na primeira metade do século XVII. A pose contemplativa dos jovens retratados – sempre solitários e de postura elegante – parece estar associada a um sentido de representação *amorosa*, frequentemente oscilando de forma ambígua entre o amor profano e a metáfora do amor divino. A falta dos restantes azulejos da composição não nos permite, porém, ir mais longe na interpretação deste belo retrato. ■

Jorge Rodrigues

Azulejo com busto de jovem

Pérsia, Ispaão, início do século XVII, c. 1620, período safávida
Cerâmica siliciosa, decoração policroma sob vidrado transparente, técnica da “corda seca”

A. 22 cm; L. 22,5 cm

Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa

N.º Inv. 1566 A

Adquirido em 1919 (Coleção Manzi).



PRÉMIO VASCO VILALVA 2013

Para a recuperação e valorização do património

Candidaturas até 2 de dezembro

Em homenagem a Vasco Vilalva, mecenas a quem o país muito deve nas áreas da recuperação e da valorização do património, a Fundação Calouste Gulbenkian atribui um prémio anual com o seu nome no valor de **50 mil euros**, destinado a assinalar intervenções exemplares em bens móveis e imóveis de valor cultural que estimulem a preservação e a recuperação do Património.

As candidaturas devem ser enviadas para:

PRÉMIO VASCO VILALVA

Gabinete do Presidente

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45

1067-001 Lisboa

Regulamento e informações: www.gulbenkian.pt



2009



2010



2011



2012